

unesp



IPP
RI

INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS UNESP



Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Territorial na
América Latina e Caribe

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI)
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e
Caribe (TerritoriAL)

ANTONIO ZAMBRANO ALLENDE

CENTRAL HIDROELÉCTRICA CHADÍN 2: LUCHAS POR EL TERRITORIO EN EL
PERÚ

SÃO PAULO

2016

ANTONIO ZAMBRANO ALLENDE

CENTRAL HIDROELÉCTRICA CHADÍN 2: LUCHAS POR EL TERRITORIO EN EL
PERÚ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência para obtenção do título de mestre em Geografia, na área de concentração “Desenvolvimento Territorial”, na linha de pesquisa “Campesinato, Capitalismo e Tecnologias”.

Orientador: Prof. Dr Paulo Alentejano.

SÃO PAULO

2016

Zambrano Allende, Antonio.
Z24 Central Hidroeléctrica Chadín 2 : luchas por el territorio en el
Perú / Antonio Zambrano Allende. – São Paulo, 2016.
111 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Paulo Roberto Raposo Alentejano.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), 2016.

1. Geografia rural. 2. Desenvolvimento rural. 3. Posse da terra – Peru. 4. Comunidades rurais – Peru. 5. Peru – Condições econômicas. 6. Usinas hidrelétricas – Peru. 7. Central Hidroeléctrica Chadín 2. I. Título.

CDD 333.30985

ANTONIO ZAMBRANO ALLENDE

CENTRAL HIDROELÉCTRICA CHADÍN 2: LUCHAS POR EL TERRITORIO EN EL
PERÚ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência para obtenção do título de mestre em Geografia, na área de concentração “Desenvolvimento Territorial”, na linha de pesquisa “Campeinato, Capitalismo e Tecnologias”.

Orientador: Prof. Dr Paulo Alentejano

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Raposo Alentejano (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalhal (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Prof. Dr. Luiz Jardim de Moraes Wanderley (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

São Paulo, 10 de maio 2016.

AGRADECIMENTOS

Para meus pais, obrigado a eles por me ajudar a chegar até aqui.

O MST, MAB e movimentos sociais no Brasil como um exemplo e guia na luta pela nossa América.

A CNPq e Projeto Residência Agrária do PRONERA, políticas públicas, o resultado da parceria entre a UNESP / IPPRI, La ENFF e Via Campesina. como resultado da luta dos movimentos sociais rurais no Brasil.

A la memoria de Hitler Ananías Rojas Gonzales, líder, amigo y defensor incansable de la cuenca del río Marañón, asesinado el 28 de diciembre del 2015 en circunstancias aún no esclarecidas.

RESUMEN

La lucha por la tierra en el Perú se ha constituido a lo largo de su historia en un proceso por la construcción de la idea de nación peruana, fundamentalmente campesina e indígena. La guerra de independencia no marcó más que un traslado de las responsabilidades de un sistema explotador de manos extranjeras a una oligarquía local de propietarios. Luego de los avances dados gracias al proceso de reforma agraria de los años 70's que dotaron de derechos a las comunidades campesinas, vino un proceso de contrarreformas y retrocesos durante la guerra interna de los años 80's así como con la dictadura de los 90's. Sin embargo, y a pesar de los cambios y violencia previa fue en la última década y media el periodo de más importante ofensiva del gran capital en territorios rurales de nuestra historia, hoy ni la minería ni la ejecución de grandes inversiones a nivel nacional pueden continuar sin la implementación a gran escala de proyectos de infraestructura hidroeléctrica, la más rentable de las formas de generación eléctrica que. El rol de las empresas constructoras en este contexto ha sido gravitante, pasando a constituir en los últimos años el rol de entidades con las que se tercerizan gastos del Estado, así como infraestructura de grandes inversiones en minería o casi cualquier otro sector; hoy ellas se han convertido además en inversionistas y formadoras de sus propios proyectos en el país teniendo como uno de sus ejes centrales el desarrollo de infraestructura hidroeléctrica. Existen 6 de estas constructoras Brasileñas funcionando en el Perú, todas ellas portadoras de fondos del BNDES y en esa misma medida de intereses del Estado brasileño. Odebrecht encabeza esta lista y actualmente se despliega de forma amplia en el territorio con diversos proyectos de megahidroeléctricas, particularmente en la segunda cuenca más importante del país, la cuenca del Marañón. Esta investigación pretende analizar un caso y aproximarnos al entendimiento de los impactos y contradicciones que se dan en un territorio a partir de la llegada de una gran inversión hidroeléctrica situada entre la región Cajamarca y Amazonas al norte del territorio peruano y denominada CHADÍN 2.

Palabras clave: Brasil. Chadín 2. Cajamarca. Celendín. Odebrecht. Hidroeléctricas. Luchas. Impactos sociales y ambientales. Territorio.

RESUMO

A luta pela terra no Peru tornou-se ao longo de sua história um processo para a construção da idéia de nação peruana e libertação do camponês indígena. A guerra de independência marcou não mais do que uma transferência das responsabilidades de um sistema de exploração de propriedade estrangeira a uma oligarquia local de proprietários de terras. Depois do progresso feito através do processo de reforma agrária na década de 1970 que dotou de direitos as comunidades rurais, veio um processo de contrarreformas e retrocessos em seguida que ocorreram durante a guerra civil dos anos 1980, bem como a ditadura da década de 1990. No entanto, apesar das mudanças e violência anterior, foi na última década e meia que se deu a mais importante ofensiva do grande capital em áreas rurais de nossa história, hoje nem mineração nem a implementação de grandes investimentos a nível nacional podem continuar sem a implementação de projetos de infraestrutura, como hidrelétricas de grande porte, formas mais rentáveis de geração de eletricidade devido ao enorme potencial nacional. O papel das empresas de construção, neste contexto é muito importante; eles têm o papel de executores de projetos de infraestrutura do Estado y hoje também se tornaram investidores em seus próprios projetos, tendo como um dos seus temas centrais o desenvolvimento da infraestrutura hidroelétrica. Há seis dessas empresas construtoras brasileiras operando no Peru. Eles carregam recursos do BNDES e, nessa medida, os interesses do Estado. Odebrecht atualmente está no top da lista e está implantando no território vários projetos de mega usinas hidrelétricas , principalmente na segunda maior bacia do país, a bacia do Marañón. O objetivo desta pesquisa é analisar um caso e se aproximar do entendimento dos impactos e contradições que existem em um território após a chegada de um grande investimento hidrelétrico localizada entre Cajamarca e Amazonas região norte do Peru.

Palavras-chave: Brasil. Chadin 2. Cajamarca. Celendín. Odebrecht. Hidrelétricas. Lutas. Impactos sociais e ambientais. Território.

LISTA DE ILUSTRACIONES

Grafico 01-	Los ocho pisos altitudinales del Perú.....	17
Grafico 02-	Perú: Producción anual de petróleo e hidrocarburos líquidos 1986 – 2012.....	37
Grafico 03-	Matriz energética del Perú 2012.....	39
Grafico 04-	Mapa de potencia instalada y producción de energía eléctrica 2013.....	40
Grafico 05-	Mapa del departamento de Cajamarca.....	53
Gráfico 06-	Localización geográfica de Chadín 2: Área de estudio ambiental terrestre.....	55
Cuadro 01	Registro de derechos otorgados.....	61
Cuadro 02	Medios de comunicación más importante en Celendín.....	70
Imagen 01	Publicidad de la empresa.....	71
Imagen 02	Foto de protesta: la Audiencia Pública de Chumuch	73
Imagen 03	Foto de Audiencia Pública de Cortegana	74
Imagen 04	Pobladora agredida por la policía al desear ingresar a la audiencia pública.....	74
Imagen 05	Fotos de Audiencia Publica para la Central Hidroeléctrica Rio Grande.....	75
Imagen 06	Fotos de Audiencia Publica para la Central Hidroeléctrica Rio Grande.....	75
Imagen 07	Policía resguardando al representante de Odebrecht Durante Audiencia Pública de Chadín 2 en Chumuch.....	76
Imagen 08	Casa Comunal en el Centro Poblado Yagén.....	76
Imagen 09	Mujeres esperando la asamblea comunal.....	80
Imagen 10	Pobladora de la cuenca del Marañón.....	81
Imagen 11	Walter Castañeda en mitin.....	83
Cuadro 03	Extensión de las concesiones mineras.....	84
Cuadro 04	Superficie Ocupada.....	85
Imagen 12	Entrega de acuerdos a la empresa.....	88

Imagen 13	Foro “Hidroeléctricas en el Marañón”	90
Imagen 14	Ubicación de las 20 hidroeléctricas en el río Marañón	92
Imagen 15	Radiación solar en el Perú	94
Cuadro 05	Principales inversionistas en el Perú	97
Cuadro 06	Reuniones de Odebrecht con la Presidencia de la República del Perú	99
Imagen 16	Presidente de la República reunido con Marcelo Odebrecht	102

SUMÁRIO

1	INTRODUCCIÓN.....	11
1.1	Marco Teórico Conceptual.....	14
2	LA CUESTIÓN ENERGÉTICA EN EL PERÚ.....	28
2.1	Fuentes y usos de energía en el Perú.....	35
2.2	La electricidad.....	41
2.3	El acuerdo energético Perú-Brasil.....	43
2.4	El proyecto Maraón y la “Revolución Energética Nacional”.....	47
2.5	Carencias y la necesidad de conocimiento.....	49
3	CARACTERÍSTICAS DEL TERRITORIO DE CHADÍN 2.....	52
3.1	Impactos.....	56
3.2	Características físicas.....	59
3.3	Inversión.....	60
3.4	Territorio en impacto.....	62
3.5	Efectos sobre el clima local.....	63
3.6	Beneficios.....	64
4	LAS VOCES DE LAS ORGANIZACIONES SOCIALES.....	66
4.1	Medios de Comunicación.....	69
4.2	Relaciones interinstitucionales.....	71
4.3	Información.....	79

4.4	Minería y energía.....	84
5	ODEBRECHT, CHADÍN 2 Y SUS CONFLICTOS FRENTE AL ESTADO.....	93
5.1	Corrupción en Brasil y Perú.....	98
6	CONCLUSIONES.....	104
	REFERENCIAS.....	107

1. INTRODUCCIÓN

Esta investigación desea evidenciar la forma y método con las que una gran inversión hidroeléctrica modifica las relaciones sociales de su entorno imponiendo un proyecto propio de territorio que despoja y pasa por alto las formas tradicionales de construcción del mismo, en este caso, en tierras del departamento de Cajamarca en la sierra norte del Perú.

Para llevar a cabo la investigación se trabajó una metodología de carácter cualitativo, bajo el enfoque de la investigación acción participativa - IAP teniendo como punto de referencia el análisis documental, entrevistas a profundidad, sistematización de experiencias y participación directa en las acciones de sensibilización, debate y democracia interna que estructuran parte del proceso de resistencia de las comunidades afectadas, así mismo nos basamos en la gran cantidad de testimonios que se han producido en la zona en entrevistas previas a los actores.

Para esto se han tomado los tres elementos claves de la IAP entendiendo la presente investigación como proceso reflexivo, crítico y sistemático, el propio hecho de indagar e investigar como un elemento transformador y que no ve a la persona que desarrolla la investigación como un sujeto pasivo frente a la problemática que intenta conocer y la sociedad en la que se encuentra sino como actor con responsabilidades concretas y necesidad de tomar posición frente a su entorno. Este hecho permite que mi papel sea tanto construir conocimiento colectivo con las comunidades así como aportar en sus luchas que, se entiende, tienen un objetivo transformador y de esta manera la comunidad se transforma de “objeto” de la investigación a sujeto colectivo de liberación.

En ese sentido se fueron ordenando los conocimientos acumulados desde mi participación como investigador en la zona que inició en el año 2011 hasta el segundo semestre del 2014 y que incluyeron la coordinación permanente con diferentes grupos de personas que trabajan en cajamarca desarrollando algún tipo de actividad relacionada de forma directa o indirecta con la provincia de Celendín, cuya jurisdicción es la zona y punto de

referencia directamente impactado, o relacionado con el proyecto hidroeléctrico Chadín 2. Aquí el equipo de la institución no gubernamental Forum Solidaridad Perú (FSP), la Plataforma Interinstitucional Celendina - PIC son fundamentales, en el caso de este segundo está constituido por un grupo de organizaciones de diferente tipo donde tienen particular relevancia los profesores de escuela y personas de la ciudad de Celendín así como algunos pocos representantes de organizaciones del campo; adicionalmente, las Rondas Campesinas que son la organización más importante del campo en Cajamarca y el departamento de Amazonas, se constituye como una organización reconocida jurídicamente para ejercer justicia comunitaria y formada de manera popular por los habitantes de cada comunidad campesina. Finalmente, la ONG GRUFIDES e Ingenieros Sin Fronteras y el Gobierno Regional de Cajamarca, fueron instituciones de apoyo claves para la investigación que permitieron con sus conocimientos de la zona y documentos técnicos avanzar la profundización de la investigación con agilidad.

Los responsables de las distintas instituciones y organizaciones brindaron apoyo para el acopio y revisión del material, así como para la convocatoria y realización de las entrevistas necesarias para completar la información requerida. Así mismo se utilizaron entrevistas, reportajes periodísticos, experiencias personales y medios de terceros para conocer más a detalle y ampliar las voces de los afectados.

La metodología desarrollada contempló tres momentos. En un primer momento se definió el plan de trabajo, se elaboraron las herramientas para recoger la información y se seleccionaron los informantes claves que entrevistar y que puedan permitir seguir en la búsqueda documentaria sensible que sirvieron como base para las conclusiones.

En segundo lugar se procedió a acopiar y ordenar la información secundaria, crear bases de datos en diferentes formatos y tipos de documentos, en particular documentos oficiales, entrevistas en video, audio, reportajes, investigaciones independientes, etc., asimismo se realizaron entrevistas semi estructuradas a actores claves. En un tercer momento, en

base a un análisis preliminar se utilizó la participación ya existente antes y durante la investigación en varios momentos diferentes de la vida de las organizaciones locales, sus asambleas, foros de debate con la empresa, conversatorios, viajes de organización y reuniones de coordinación en Lima. Yo he podido participar no solamente como panelista sino también en calidad de co-organizador de varios de estos momentos. La Cumbre de los Pueblos de Cajamarca de octubre del 2014, los foros sobre “energía e hidroeléctricas” en las Universidades Nacionales de Cajamarca y Amazonas y pequeños otros conversatorios, en los caseríos, centros poblados, ciudades y la capital son parte de este proceso.

En general, la metodología pudo contrastar las voces, pronunciamientos, declaraciones, y argumentos de las organizaciones sociales de Cajamarca y Amazonas con el análisis documental y las experiencias vividas en la zona de intervención de Odebrecht que sostienen los impactos de esta inversión en la región y el país.

Se culminó así el documento final de investigación, el mismo que da cuenta de los impactos de la llegada de una propuesta de construcción de infraestructura hidroeléctrica antes del inicio de las obras y de cómo se modifican los territorios previamente a impactar de forma física la geografía local, así cuales serían los escenarios futuros posteriores a la obra, tanto en su institucionalidad, en la interacción económica, social y ambiental e incluso en la tensión constante de la población frente al Estado.

La metodología del documento pretende una vez que este haya sido culminado poder incorporarse al debate aperturado en la zona con las organizaciones que apoyaron su realización, así como poder presentarse a la articulación que se está gestando alrededor de las organizaciones afectadas por represas y las que luchan contra el cambio climático en la Amazonía peruana durante el encuentro que se desarrollará en la ciudad de San Martín durante abril del año 2017 en el Foro Social Panamazónico - FSPA, lo que permitirá devolver los conocimientos, difundir y continuar la investigación de la problemática articulando otros proyectos de generación de energía hidroenergética que se encuentran hoy esparcidos en el norte, centro y sur

de la cuenca amazónica peruana, así este momento de cierre nos permitirá mantener el análisis constante de Chadín 2 posterior a la presente investigación y desarrollar las actualizaciones que sean necesarias para poder entender como muchas otras inversiones particularmente centrada en las industrias extractivas en la región Cajamarca interactúan entre sí y con esto aportar a la liberación y soberanía de sus pueblos en la construcción de sus territorios.

Es importante mencionar la importancia que remarcó la existencia del Projeto de Residência Agrária do PRONERA, que con todos sus enormes defectos y contradicciones es finalmente un fruto de la alianza entre la Universidad Estadual Paulista, la Escuela Nacional Florestan Fernandes, el IPPRI y la Via Campesina, sobre la que quiero resaltar una vez más la iniciativa y lucha de los movimientos sociales del campo en hacerla posible para la realización de esta investigación y los modestísimos aportes que ella pueda dar.

1.1. Marco Teórico-Conceptual

Reflexionar sobre la idea de territorio tomando como punto de partida una nación en particular es un reto en sí mismo, ya que implica el enfrentamiento de la abstracción académica ante las características de una sociedad en su conjunto. En el caso peruano es necesario establecer al mismo tiempo los elementos que nos diferencian del mundo y dentro de la región sudamericana así como reconocer los elementos teóricos y su anclaje en la realidad que nos unen a la identificación de un territorio común con características constituidas dentro del contexto histórico nacional y latinoamericano en el que hacemos el análisis. Es decir, en el marco del capitalismo tal y como se presenta dentro de nuestras fronteras regionales, lo que implica la necesidad de pensar algunas categorías esenciales.

Antes de empezar debo exponer que la investigación no pretende poder separar el pensar el territorio, el poder político, y el capital como elementos que habitan aisladamente sino que ellos formarán una “trenza”

que nos abrirá las primeras puertas de lo que implica la idea de nación peruana con las determinaciones geográficas y climáticas, la configuración de las clases sociales y la dinámica de las inversiones como eje de lo que significa la historia o movimiento de la sociedad en el tiempo.

Mientras que por el otro lado, la dinámica imperialista del capital, la integración regional y la territorialización nos aproximan a un entendimiento de lo que significa la intervención externa de intereses provenientes de un Estado como el brasileño en los confines de nuestro espacio nacional y a través de agentes del capital que vienen desde ese “otro” territorio. Estas dos discusiones nos darán el marco teórico conceptual necesario para abordar Cajamarca y la Central Hidroeléctrica de Chadín 2 desde su planteamiento inicial hasta mediados del año 2015

Mi aproximación conceptual al territorio pretende ser amplia y multidimensional, por lo que me acerco a ese concepto de territorio de la mano de Milton Santos el cual nos lo describe como:

El lugar en que desembocan todas las acciones, todas las pasiones, todos los poderes, todas las fuerzas, todas las flaquezas, esto es, donde la historia del hombre plenamente se realiza a partir de las manifestaciones de su existencia. (SANTOS, 2002, p. 7).

Es decir un territorio de “lo nuestro”, aquel espacio que permite al ser humano que lo habita entenderse a sí mismo e identificarse en el proceso de identificar lo que vive y muere en él, en ese sentido es el movimiento de sus elementos en la historia y tiene en sí mismo una esencia dialéctica y rica en contradicciones.

Sin un punto de partida ni uno de llegada, salvo quizá la determinada por la presencia del ser humano, el territorio puede entenderse en su parcialidad pero siempre, se encuentra anclado en la tierra, sea por su acceso, sea en su uso, sea en la forma como se vive y construye sobre él, la tierra es la infraestructura en su sustancia, la posibilidad de construir territorio, y aunque no se puede restringir a ella exclusivamente, es en el Perú el elemento que nos permite iniciar el entendimiento cultural de nuestra sociedad, tal como lo pretendía retratar José Carlos Mariátegui cuando nos

habla del problema del indio que es “el problema de la tierra”, figura consustancial a su ser y que por lo tanto es inseparable para entenderlo plenamente por encima de cualquier otro elemento:

La solución pedagógica, propugnada por muchos con perfecta buena fe, está ya hasta oficialmente descartada. Los educacionistas son, repito, los que menos pueden pensar en independizarla de la realidad económico-social. No existe, pues, en la actualidad, sino como una sugestión vaga e informe, de la que ningún cuerpo y ninguna doctrina se hace responsable.

El nuevo planteamiento consiste en buscar el problema indígena en el problema de la tierra. (MARIATEGUI, 2007, p. 33).

La esencia de lo material y lo espiritual se edifica en el indígena peruano, el constructor de nuestra primera nación, a través del entendimiento de la conducta de la tierra, sus bioindicadores, sus climas, las formas y fuentes de agua que la recorren, sus pendientes, sus alturas y su complicadísima estructura morfológica.

El territorio peruano tiene además de todas las características que marcan la vida de cualquier sociedad, algunos elementos profundamente peculiares que lo determinan; en su caso la altitud es un elemento que condiciona la existencia de los tipos de vida y de sociedad y hasta su concepto y teoría. Como ya lo viera el geógrafo Javier Pulgar Vidal (PULGAR-VIDAL, 2014) nuestro territorio se encuentra marcado por estas alturas a lo que él denominó “pisos altitudinales”, que en su continuidad y discontinuidad marcan ocho regiones naturales que dividen la costa al ras del mar con una sierra que llega hasta los 6.768 metros de altitud y una selva amazónica que cubre alrededor del 60% de todo el país, de acuerdo a las modificaciones geográficas y ecológicas a su paso.

En ese sentido valoramos el territorio en su complejidad y similitud con otras geografías del globo pero planteamos sus diferencias en la medida de sus características particulares las cuales asumen las 8 regiones naturales como factores de definición de su historia humana y natural únicas:

Causa profunda admiración y es motivo de orgullo nacional el comprobar que los antiguos peruanos y los campesinos, sus actuales herederos – poseedores milenarios de esta tierra –, llegaron a configurar una imagen clara del territorio peruano,

conforme a la cual el Perú está dividido en ocho regiones naturales, cuyos nombres han quedado guardados en la Toponimia Regional Peruana: Chala, Yunga, Quechua, Suni, Puna, Janca, Rupa-Rupa y Omagua. Nosotros hemos hallado estos topónimos regionales desperdigados en el fondo inmenso del Diccionario Geográfico Toponímico Peruano y también conservados en la Tradición. Después de identificarlos, los hemos confrontado científicamente con la realidad geográfica, utilizándolos en relación con todos o con la mayoría de los factores del medio ambiente natural; y, finalmente, hemos planteado la urgencia y la necesidad de adoptar un criterio geográfico que considere al Perú como un país variado y armonioso, con ocho realidades, problemas, posibilidades y soluciones. (PULGAR-VIDAL, 2014, p. 3).

Grafico 01 – Los ocho pisos altitudinales del Perú



Fuente: Diario El Popular¹

El cuadro anterior detalla con mayor precisión lo que significa la altitud andina y la configuración territorial por zona que se usa hasta el día de hoy y que gracias a la sistematización que hizo el maestro Pulgar Vidal se puede rastrear su utilización desde eras pre-incas.

En este discontinuo geográfico existe un continuo histórico que se remonta a más de diez mil años de construcción territorial donde la plurinacionalidad y multiculturalidad han interactuado de formas diversas y se

¹ <http://www.elpopular.pe/series/escolar/2015-11-02-las-8-regiones-naturales-del-peru-criterios-de-su-division>

han logrado conservar a pesar de la centralidad del poder y opresión que han significado el periodo colonial y la república.

Pero el territorio al que nos aproximamos en esta investigación debe tender sus lazos hacia el entendimiento de las relaciones políticas extendidas en todo el país y sus luchas aplicadas sobre el espacio en un proyecto de configuración de territorio de forma soberana, es decir aquellos que se configuran desde sus pueblos, que se enfrenta contra otro proyecto desde el capital extranjero y nacional. Aquí es importante escuchar a Henri Lefebvre cuando aproxima su visión de lo que significa el capitalismo y nos dice que este: “[...] ya no se apoya solamente sobre las empresas y el mercado, sino también sobre el espacio” (LEFEBVRE, 1974, Pág. 219) en nuestro caso, ese espacio de sostén se encuentra tanto en la centralidad capital de Lima, como en la dominación que se intenta ejercer de manera directa sobre la tierra y su gente en la zona de intervención alrededor de la construcción hidroeléctrica.

El territorio peruano se va convirtiendo y adaptando a eso que Lefebvre entendía como un movimiento dialéctico muy nuevo: el espacio dominante y el espacio dominado (LEFEBVRE, 1974), entendiendo que el territorio peruano se ha encontrado en continua disputa y parcial abandono del capital, en particular por la compleja geografía que eleva los costos de producción, la posibilidad de acaparamiento de tierras fértiles de manera continua y por la constitución de eso que Marx llamaba ejército de reserva ubicado, en nuestro caso, en las comunidades campesinas que viven “resguardadas” geográficamente aunque en constante tensión con el Estado desde la Reforma Agraria de Velazco que les dio derecho y les reconoció ciudadanía a pesar de encontrarse en la periferia del sistema, que salvo por las débiles cadenas de valor que las conectan de manera subordinada y distante con las ciudades, es decir este espacio dominante que impone el proyecto capitalista a toda la humanidad, se encuentran con una sociedad con características propias que lo habita en su periferia y que se haya violentada desde fuera pero unida por sus lazos territoriales y se resiste a la dominación plena.

Sin embargo el territorio, la disputa política por proyectos diferentes y las denominadas Inversiones Extranjeras Directas o IED ayudan a desarrollar formas nuevas de aproximarnos al mismo. El entendimiento de lo denominado como “nuevo enclave” o “enclave moderno” nos desarrolla una de sus dimensiones como un proyecto de espacio dominado que es caracterizado por la presencia del capital asociado estrechamente a un Estado promotor de la apropiación de los territorios pero en territorios sumamente específicos.

De acuerdo a Francisco Durand el poder de las mineras que controlan alrededor del 20% del territorio nacional en su conjunto

Se explica mejor recurriendo al concepto de enclave [...]. Por enclave, se entiende una gran empresa extractivo-exportadora, generalmente privada-extranjera, que domina un extenso territorio con apoyo del Estado. En el caso de países como el Perú, los enclaves operan en entornos sociales pobres y de cultura indígena y mestiza, realidades que hacen particularmente urgente a las corporaciones obtener la “licencia social para operar”. Al generarse tensiones y estallar los conflictos, el enclave moderno puede cumplir roles sociales ampliados y hasta roles policiales. Por lo mismo, parte de su acción política es fortalecerse con apoyo del Estado para controlar mejor el volátil contexto local, pero lo hace de un modo que afecta o limita la autonomía y la capacidad de gestión y decisión colectiva comunitaria. (DURAND, 2015, P. 11).

En la línea de Durand, vamos analizando en qué medida las empresas se van constituyendo o pretenden tejer un gobierno a nivel local y no solo influir sino controlar las relaciones sociales con mayor o menor éxito y de esta forma establecer su proyecto político sobre las relaciones que determinan un territorio. “El poder del enclave se expresa en el plano nacional y regional/local sobre la base de representar un poder económico, político y discursivo global” (DURAND, 2015, Pág. 12)

En ese sentido esta lógica puede entenderse en el estado peruano tanto como parte del análisis del territorio pero fundamentalmente amparados en la idea de progreso centralizada en la capital del país, que al menos en el caso peruano pretende encapsular o hegemonizar la idea de progreso entendida desde la visión urbana.

El enclave es una 'isla de modernidad' que se inserta en un mar de pobreza [...] 'En el plano discursivo, tanto los antiguos como los nuevos enclaves proyectan una visión de progreso, modernidad y eficiencia, pero el moderno enclave se despoja de prejuicios y afirma no ser arbitrario ni abusivo'. (DURAND, 2015, P. 12 - 13).

Tanto en Pulgar Vidal como en Durand, vemos una idea del espacio o el territorio nacional fragmentado, entendido por divisiones o por un proyecto que pretende dividirlo y constituirse sobre un espacio o fracción de él. Una propiedad privada con fronteras en función de los límites del capital. Un territorio corporativo.

Es importante darnos cuenta en que tanto en el análisis históricos de los enclaves como en la concepción global del territorio este siempre es y será un espacio en disputa, por un lado tanto por la sociedad que desea continuar su proceso histórico de construcción de un proyecto determinado de vida en comunidad como el que se ha intentado imponer ya sea por la clase dominante como por el capital extranjero.

Lo que intento con esta investigación es ubicar esas fronteras y retomar a Lefebvre para darnos cuenta que mientras: "El concepto de espacio y el de producción del espacio son conceptos globales. Finalmente, el espacio se halla fragmentado por la estrategia; estas estrategias, que son muy numerosas, se entremezclan y se superponen" (Lefebvre, 1974, Pág 224)"

En ese sentido no es una lucha contra dos sectores monolíticos en disputa, sino que la representación de los intereses de cada clase en conflicto que se encuentran en disputa y lucha de posiciones en el interior mismo de los grupos a los que representa su sector del capital, las estrategias, por esto se entrelazan en direcciones iguales u opuestas en función de dichos intereses en tiempos determinados.

Estas estrategias actuales tienen a su vez características igualmente contemporáneas:

A lógica espacial desse modelo vem se materializando através dos chamados "grandes projetos de desenvolvimento" que é a expressão territorial do modelo neoextrativista. São territórios

corporativos de grande escala que se caracterizam pela concentração, centralização e intensividade espaço-temporal de investimentos provocando processos de grandes rupturas, mudanças e reestruturação socio-espacial e ambiental na escala local e até regional onde são implantados. (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 2015, p. 2).

El territorio y el capital en su lógica de enclave como elementos para entender el presente estudio nos aproximan y permiten compartir también un entendimiento del espacio geográfico donde nos encontraremos con la mirada de Carlos Walter Porto Goncalves que nos ayuda a dar las precisiones finales de lo que significarán estos conceptos dentro de este estudio cuando ve que:

El espacio geográfico y el territorio se colocan así, como conceptos claves para la comprensión de los complejos procesos que ahora ponen en crisis el mundo moderno-colonial hasta porque son conceptos que históricamente están ligados a ese mundo que los creó. En fin, una de las cuestiones centrales que se presentan en nuestros días habla del respeto, exactamente, a las nuevas grafías en la tierra, a los nuevos límites territoriales y, como la definición de límites es la propia esencia de la política, es toda la cuestión de los protagonistas lo que está en juego. Así, se impone la necesidad de des-sustantivar al espacio geográfico puesto que, casi siempre, es visto como una realidad objetiva exterior a la sociedad. (PORTO-GONÇALVES, 2013, P. 43).

La síntesis que hace en estas palabras Carlos Walter nos permite decir finalmente que no haremos, ni intentaremos usar criterios ni enfoques que pretendan analizar por separado todas estas características que se presentan en Cajamarca con sus elementos propios.

El interiorizar el espacio geográfico dentro de la sociedad es el reto o quizá la llave para abrir las puertas de un entendimiento más próximo del territorio, y la posibilidad de adentrarnos en la cosmovisión andina en su conjunto. En Perú el poder político y el capital han interactuado uno en defensa del otro, y ambos sobre el territorio pretendiendo darle su forma final actual y constituyendo sus contradicciones, es decir intentando construir el enclave de sus intereses sobre lo ya habitado. Lo que en este escenario permite que ellos puedan seguir siendo parte de una sociedad es entendido en la medida de que sean funcionales al capital, el resto de su riqueza

cultural es simplemente respetada en la medida de que no interrumpe o que eventualmente puede ser incorporada al mercado con un valor de cambio nuevo diseñado bajo el poder de la intervención exterior, he aquí que las luchas en su defensa se consideren actos subversivos y se persigan como tal o con formas criminalizadoras semejantes.

En el caso peruano, además, esta tendencia a la disputa de proyectos y confrontaciones de poder sobre el uso, control y construcción del territorio está fuertemente marcados por la configuración étnica y en particular la identificación de que más de las tres cuartas partes de peruanos posee sangre indígena.

En América Latina y el Caribe, hay un componente étnico y racial conformando las clases sociales (Aníbal Quijano), que tienen en la monopolización de las tierras por blancos y sus descendientes criollos su base y así, entre nosotros, la estructura de clases está etnisada. (PORTO-GONÇALVES, 2013, p. 171).

En países tan poco industrializados como el Perú y con un componente de vida en el campo tan arraigados, el significado y valor de las relaciones étnicas son determinantes y se encuentran mucho más allá de la denominada "raza" identificada por factores o rasgos físicos, y se ancla en la identificación de valores, y elementos culturales, es decir la cosmovisión andina definida por su entendimiento de la realidad del mundo a partir de la cercanía intelectual y vivencial de lo que le rodea.

Esta cosmovisión o forma histórica de articular desde el Ande los significados del territorio es duradero y un flujo constante de lucha entre los pueblos y el capital por lo que no existen procesos de desterritorialización en el sentido de forma de construcción o destrucción de territorio sino luchas en las que se modifican y desarrollan los espacios:

El mito de la desterritorialización es el mito de los que imaginan que el hombre puede vivir sin territorio, que la sociedad puede existir sin territorialidad, como si el movimiento de destrucción de territorios no fuese siempre, de algún modo, su reconstrucción en nuevas bases (Haesbaert., 2007, Prologo, p. 16).

En Perú no hay espacio vacío posible, ni interacción ambiental o ecosistémica que no este territorializada desde hace miles de años, incluso las mas violentadas y afectadas por la colonia y la república tienen marcas, formas y habitad humano que se alimenta de la organicidad de sus estructuras, e incluso aquellos espacios que han sido profundamente intervenidos en los últimos años por la presencia de las inversiones extranjera presentan construcciones complejas, aunque empobrecidas de lo que significa la tierra para el peruano

Sin embargo estas inversiones extranjeras, por su importancia en la configuración actual y la proyección de su llegada cada vez más intensa en nuestras fronteras abre las puertas del otro concepto central en discusión y disputa dentro de esta investigación que es el entendimiento del imperialismo en términos actuales y/o las nuevas modalidades de dominación extranjera en función del movimiento y necesidades del capital transnacional en la región sudamericana, que sin estar exenta de las principales contradicciones en las que se enmarca la intervención del capital, tiene una particular importancia porque en este caso además de hacer referencia a su contraparte estadual en Los Estados Unidos de Norte América, también hace referencia a un Estado vecino dentro de Sudamérica: Brasil y su intensa presencia en el territorio nacional peruano, al menos en lo referido a términos económicos.

Aquí nos aproximamos a David Harvey y a su mirada sobre el imperialismo que nos ayuda a entender las nuevas formas en que el capital se muestra a sí mismo en el mundo contemporáneo. Por lo que para el estudio el imperialismo es eso que Harvey interpreta cuando dice que es aquel "proceso político económico difuso en el que lo primordial es el control del capital y su uso" (HARVEY, 2004, Pág. 39)

Es decir, procuraré, al igual que él, no intentar usar el término en su forma adjetiva, sino sustantiva a manera de forma o dinámica del capital que domina Estados, naciones o territorios, no necesariamente a manera de establecer un dominio político explícito, sino ese difuso que puede esclarecerse en zonas puntuales del país dependiendo de la intensidad o

importancia estratégica de su presencia o de la necesidad de demostrar que su función es la única que merece ser respetada por encima de derechos o leyes.

A pesar de esto no pretendo que se entienda que parto de la premisa de que la función del Estado o del capital brasileño en el Perú es por definición imperialista. Todo lo contrario, intento conjugar la lógica de enclave para determinar el “imperio” del capital y si es posible y consistente en el tiempo así como sus dimensiones en las relaciones sociales dentro de una localidad. Entender que lo que sucede a nivel local tiene procedencias fuera del ámbito donde se desarrollan y que la lógica planetaria imprime la necesidad de constituir procesos de resistencia locales es importante en esta aproximación a la lucha de clases en Cajamarca

Al mismo tiempo, y en el mismo escenario podemos definir al Perú como un Estado periferia de los centros de poder del gran capital desde su gestación y que fue diseñado de tal forma que desde su ciudad capital fueran constituyéndose círculos concéntricos de poder que alejan las instituciones de la gente mientras más lejano se encuentran de la centralidad nacional y construyen zonas de poder a manera de terciarización o delegación frente a la inversión de mayor importancia para la consolidación del proyecto del gran capital, son alianzas para consolidar proyectos mayores. Esta dinámica centro-periferia existente dentro de las propias formas nacionales del capitalismo en el Perú y lo que en Europa se define con claridad entre las clases desempleadas en el territorio nacional se puede identificar como las miles² de comunidades campesinas e indígenas al margen o en la superficie de las relaciones de intercambio complejo del gran capital y sus formas de ser determinada exclusivamente por los grandes mercados.

Ya Harvey lo dice cuando menciona que “El capitalismo necesita tener siempre algo afuera: el ejército de reserva o una masa de excluidos tanto creado por ellos mismos como alguno preexistente. (HARVEY, 2004) y Hay que tomar muy en serio esta dinámica interior-exterior”

² Más de 10 mil según Richard Chase Smith Director Ejecutivo del Instituto del Bien Comun. en <http://servindi.org/actualidad/95248>

Y justamente la necesidad de entender lo que pasa a las mayorías peruanas nos obliga a tomar en serio esta dinámica, ya que tanto gracias a su geografía como gracias a su gente de manera simbiótica ambos han logrado mantenerse históricamente al margen de la desposesión en procesos de resistencia que han llevado siglos y que representan la misma lucha por la que continúan hoy deteniendo proyecto tras proyecto, la libre determinación sobre lo que se desea como futuro sobre el territorio, pero sin aislacionismo. El mundo andino se encuentra permeado de capital tanto como de la necesidad o las formas de mercado para subsistir ya que las formas anteriores, como el trueque, se encuentran hoy marginalizadas o cerradas en pequeños espacios, lo que históricamente se pretendía reprimir, hoy se “incluye” a través de formas blandas de mercado y de la inserción de los jóvenes en el mundo laboral de las ciudades intermedias.

En ciertos casos las estructuras preexistentes han de ser violentamente reprimidas al no encontrar cabida en el comportamiento de las fuerzas de trabajo bajo el capitalismo pero numerosos estudios muestran que también se intenta integrarlas con la finalidad de alcanzar cierto consenso en lugar de utilizar la pura coerción para constituir a la clase obrera. (HARVEY, 2004, p. 117).

Aquí iniciamos una aproximación al “caso” peruano es decir, a las formas sociales no-capitalistas que sobreviven en la medida de no representar amenaza o que sus espacios son eventuales áreas de expansión para el momento en el que el capital lo entienda como requerido. Es en este momento cuando el capital asumirá necesario pasar a la denominada acumulación por desposesión:

La acumulación primitiva (...) supone la apropiación e integración de logros culturales preexistentes además de la confrontación y sustitución.

[...]Lo que posibilita la acumulación por desposesión es la liberación de un conjunto de activos (incluida la fuerza de trabajo) a un coste muy bajo o nulo.

El capital sobreacumulado puede apoderarse de los activos y llevarlos inmediatamente a un uso rentable

[...]La privatización, (es el) principal instrumento de acumulación por desposesión. (HARVEY, 2004, p. 117-124).

Mientras que en el Perú de hoy la agricultura familiar produce el 60% de la canasta alimentaria (INTERCLIMA, 2013) en un territorio de difícil acceso y difícil posesión y uso para la agricultura, diversos puntos son sinuosos y altamente oneroso estos han contenido la expansión de inversiones a lo largo de la historia. Sin embargo este argumento es válido para la producción agrícola pero no para la extracción de minerales o hidrocarburos en un contexto de elevación de los precios de los minerales en el mercado internacional como el que ha tenido el mundo en la última década y que ya llegó a su fin.

Esto ha imprimido mucha presión sobre las comunidades y ha iniciado una enorme cadena de conflictos sociales en el Perú. Sin embargo, a pesar de esto podemos compartir algunos puntos de desacuerdo alrededor de la desposesión continua y los elementos contemporáneos, no tanto para descalificar un hecho que sucede de manera efectiva sino por no expresar de forma tan precisa como se pretende, los fenómenos que se desarrollan en la actualidad en estos territorios, tal como lo dijera Virginia Fontes:

A violência primordial do capital é permanente e constitutiva: a produção em massa da expropriação, sob formas variadas, em função da escala da concentração de capitais, jamais se reduziu ou “normalizou” em escala mundial. (FONTES, 2010, p. 64).

Es decir, la desposesión que se ha vivido en los últimos años, es cierto que se vive aún con una enorme intensidad, pero no es tan cierto que la definición contemporánea haya modificado la lucha histórica de los territorios a pesar de las formas del capital o de sus estadíos en la que nos encontremos. Sino las formas de organización necesaria para un momento determinado de la lucha de clases impresa en un espacio determinado. Lo que implica que a pesar de representar la periferia no es por eso que los enclaves no generen nuevas centralidades y su poder no implique llevar la lógica civilizadora a nuevos territorios.

Regresando a la lógica de enclave, la inversión fragmenta sus centralidades y construye su poder dividido en el territorio de manera constante y sistemática. Tanto el imperio, el territorio y el poder político son alineados, permitiendo un Estado de derecho que contradictoriamente legisle

para debilitar los derechos comunales y para promover la inversión privada como proyecto de nuevo territorio.

Es remarcable como las fuerzas históricas en cada país del globo han interactuado de manera diferentes en el tiempo y han prevalecido las diversas formas de acumulación en todos los rincones del mundo a pesar de ser en muchos de ellos considerados superados, es así como hoy conviven formas de esclavitud con métodos de explotación por servidumbre y estas con las inversiones más avanzadas del capitalismo industrial y de servicios.

Aquí el debate sobre la acumulación es intenso entre Fontes y Harvey aunque la opresión del capital no queda en duda, existe la importancia por descubrir si esta desposesión que señala Harvey realmente nos ayuda a describir las nuevas formas del capital sobre el territorio de manera precisa y no generica o amplia. Una buena crítica es la que Fontes comparte con la posición de Wood para decir que ese carácter nuevo e intensificado de la desposesión es más bien expropiación que no es más que lo que Wood dice cuando:

Sugere que a expropriação decorre das relações sociais capitalistas, não sendo sua condição previa, enquanto estamos considerando neste livro que as expropriações são simultaneamente condição e decorrência. (FONTES, 2010, p. 75).

Por lo que si seguimos esa línea argumental efectivamente, la desposesión que ve Harvey o la expropiación que planea Fontes son formas históricas de acumulacion que de una o de otra manera se intensifican en el panorama actual por la necesidad de intervenir el territorio en función de un recurso central para el funcionamiento acelerado del sistema como es la energía.

A riesgo de adelantar algunos juicios, para las intenciones de este documento, la posibilidad de entender el nuevo enclave y permear su contenido con la interacción del capital en su lógica imperialista es la que finalmente dará forma a mi lectura sobre lo que está sucediendo hoy en el territorio peruano y en particular en Cajamarca frente a la hidroeléctrica Chadín 2.

2. LA CUESTIÓN ENERGÉTICA EN EL PERÚ

La segunda mitad del siglo XX fue, para el Perú, uno de los capítulos más convulsionados y extraordinarios de la vida nacional en la que se mezclaron episodios masivos de confrontación entre las clases sociales que lo habitan con un particular proceso de organización de las clases trabajadoras (ADRIANZÉN, 2011) fundamentalmente en torno a partidos, sindicatos y movimientos agrarios-campesinos.

Basta mencionar el proceso de reforma agraria del Gobierno Militar de Juan Velazco Alvarado (1969-1975) que estableció el fin del *gamonalismo*³ como forma peruana de latifundio que se instauró en el Perú posterior a la colonia. Durante este proceso se expropió la tierra de los gamonales a favor de la clase campesina, y a toda aquella familia, individuo o empresa con grandes extensiones de tierra y promovió el cooperativismo, el reconocimiento de la propiedad comunal y la universalización de la ciudadanía lo cual reconfiguró la estructura del país especialmente en la zona andina, transformando al campesino en actor colectivo y con derecho a la tierra.

Por otro lado, años más tarde, la guerra interna declarada por Sendero Luminoso al Estado en 1980 (GORRITI, 2013), así como el fenómeno de hiperinflación entre los años 1987 y 1990 y la instalación del neoliberalismo, autogolpe de Estado y dictadura civil de la década de los 90's son suficientes para darnos cuenta que no es simple graficar a la sociedad que ha resultado de estos procesos marcados tanto por la violencia, las grandes migraciones del campo a la ciudad y procesos masivos de organización e insurgencia.

Sin embargo, en esta investigación pretendo aproximar a la historia como actor, portador de los elementos de juicio que nos conduzcan a entender el momento actual y las características únicas que se presentan a

³ El gamonalismo suele ser un caciquismo rural y primitivo, que se mantiene por la influencia del dinero y por el miedo o la amenaza. Trata de controlar el destino político de su comunidad y para eso se pone al servicio de los gobernantes, cualquiera que sea la ideología de ellos, y obtiene una cuota de poder local. Fuente: <http://www.encyclopediadelapolitica.org/Default.aspx?i=&por=g&idind=706&termino=>

partir de un caso particular como es el del proyecto de Central Hidroeléctrica de Chadín 2 en la cuenca norte del Río Marañón.

En ese sentido la energía como mercancía, las organizaciones sociales y el rol de clase del Estado serán nudos críticos que nos permitirán acercarnos al Perú y al proceso de integración con la economía sudamericana y global. Por ende entendemos el análisis de la historia nacional íntegramente en consonancia con las palabras de Flores Galindo:

‘Hay, pues, un vínculo muy riguroso entre el Perú Antiguo y el Perú Actual’ (Valcarcel en Galindo 2008). Ningún europeo podría escribir en los mismos términos sobre Grecia y Roma. [...] En México no se encontraría una memoria histórica equivalente a la que existe en los Andes. No hay una utopía Azteca. (FLORES GALINDO, 2008, p. 17).

En contraposición, las clases trabajadoras peruanas, especialmente las localizadas en el campo andino, han construido su utopía en función a su organización histórica y su vínculo estrecho con la tierra así como las remembranzas del Tahuantinsuyo y la paz social pre-colonizadora (FLORES GALINDO, 2008). Esta relación o vínculo del que habla Flores Galindo será clave para el análisis de los movimientos sociales desarrollados durante el pasado más reciente y la importancia que se vislumbra en el horizonte que nos permite calcular el cada vez más trascendente rol del sector energético en las próximas décadas. Y es que “la energía” como mercancía que potencia el desarrollo de las relaciones sociales capitalistas ha representado en nuestro país un área marginal en el desarrollo nacional. Con varios brevísimos y limitados intentos de industrialización y atado a los requerimientos de las metrópolis capitalistas centrales, la energía, tanto como electricidad o combustible fósil ha sido un producto social constituido fundamentalmente para la extracción de materias primas y explotación de la población y en segundo lugar como bien “público” destinado al desarrollo de las clases dominantes.

Es por esto que el Sistema Eléctrico Interconectado Nacional – SEIN el día de hoy es pensado para responder a la fuerte presión de la demanda

de la actividad extractiva, y en particular la actividad de la gran minería transnacional, antes que el bienestar del país y sus ciudadanos.

'La minería, siendo el motor de desarrollo del país, tiene en el abastecimiento de energía un factor que contribuye decisivamente. En los últimos 10 años, la producción de electricidad aumentó en 92 por ciento, y gracias al gas natural tenemos una energía competitiva y de bajo costo que nos da enormes ventajas'. (MAYORGA, Agencia de noticias ANDINA, Lima 24/09/2014).

A partir de esta declaración, es posible entender que en la última década hemos vivido cambios importantísimos en la estructura del capital, tanto por el proceso de apertura comercial al mundo que se consolida en el Perú luego de la caída de la dictadura fujimorista, que ya la había iniciado, como por la transición a la democracia neoliberal de corte internacional que se da inmediatamente después, y que se traducen en elementos visibles como la firma de más de una docena de Tratados de Libre Comercio – TLCs⁴ con diferentes países del mundo como también por el proceso de integración regional con el bloque sudamericano. Este último, se inicia en términos reales con la firma del IIRSA en Agosto del año 2000 (IIRSA, 2011), para luego pasar a una nueva etapa con la firma del Acuerdo Energético entre Perú y Brasil en el año 2010.

A pesar de que el Perú prevalece como territorio en disputa, mucho más cercano a los intereses comerciales y de política anti-narcóticos de los Estados Unidos que al comercio e integración con sus vecinos, aunque cuente con capitales brasileños que se multiplican cada año en proporciones considerables, sus principales socios comerciales siguen siendo metrópolis del norte y la cada vez mas importante presencia de China en la región.

Entre 2003 y 2012, el flujo comercial entre Brasil y Perú creció más de cinco veces: pasó de US\$ 727 millones para casi US\$ 4 mil millones de dólares. El stock de inversión brasileña en el Perú creció de manera exponencial durante los últimos 10 años. Hoy, el stock de inversión brasileña está en cerca de US\$ 6 mil millones. (LAZARY, .edu, PUCP, 23/09/2013).

⁴ Ver: <http://www.acuerdoscomerciales.gob.pe>

Muchos de estos capitales invertidos por el vecino brasileño son complementarios y de soporte de los capitales e inversiones centrales y en la práctica, la IIRSA en el Perú, se tradujo de manera casi exclusiva en los proyectos de la Carretera Interoceánica Norte y Sur conformándose estos como la “punta de lanza” de nuevos proyectos de inversión en territorios “nuevos” y facilitando la extracción de recursos de las zonas mineras y petroleras históricamente explotadas, permitiendo nuevas perforaciones y excavaciones.

De acuerdo a cálculos hechos por Fabian Simeón (Simeón 2011) de los trazos de carretera hechos o reconstruidos hasta la fecha por la IIRSA se tiene registrados 2500 km de vías juntando las construidas en la IIRSA Norte y Sur y los pocos avances en la Carretera Interoceánica Centro, pero con los montos ya invertidos en estas se han podido haber construido hasta 110 000 Km de carreteras ligeras y de herradura, es decir interconectar al país en su conjunto y afianzar el octavo proceso de descentralización que fue iniciado en nuestro país en el año 2003.

Este junto con el proceso de simplificación administrativa había iniciado la transferencia de funciones y competencias del gobierno central a los nuevos Gobiernos Regionales, y Locales (los locales se dividen en provinciales y distritales) con el espíritu de acercar a los ciudadanos a la influencia directa del proceso de toma de decisiones.

Sin embargo, a esto debemos sumar la degradación que ya ha producido hasta nuestros días la construcción de grandes carreteras (tanto el IIRSA como varias otras) pensadas en función de facilitar los métodos del capital transnacional y que agudizan las proyecciones que tenemos el día de hoy de devastación de nuestra naturaleza y la vida en el campo para los próximos años. En esos términos las palabras de Javier Azpur son bastante precisas:

El Perú enfrenta, entonces, un reto enorme: girar hacia un uso sostenible del íntegro de nuestros recursos naturales renovables por parte de todos los agentes económicos y en todos los sectores.

Este es un tema que trasciende al debate sobre la centralidad de la minería, el gas y el petróleo en nuestro crecimiento económico y nuestro bienestar, pero es el tema que necesariamente enmarca los

actuales debates sobre extractivismo y postextractivismo en la región. (AZPUR, 2011, p. 15).

Esta tendencia sumada con la aparente inminencia de la integración de sus matrices energéticas, la enorme conflictividad existente durante toda la década frente a las actividades extractivas (TANAKA, 2011) y aquella generada por la construcción de megainfraestructura ligadas también a actividades extractivas, produce alarma en un país como el nuestro en el que apenas el 5% del potencial hidroenergético ha sido explotado⁵ y pone en tela de juicio el futuro de los territorios de las comunidades indígenas, amazónicas, campesinas y costeras existentes que entran de manera directa en conflicto con el gran capital.

La Central Hidroeléctrica de Chadín 2, de capitales de la multinacional brasileña Odebrecht a través de su filial A.C. Energía, representa en este contexto, no solamente la que sería la tercera hidroeléctrica más grande del país construida hasta el día de hoy, sino el inicio de la destrucción (como nos encargaremos de argumentar) de la segunda cuenca más importante de la misma: la cuenca del Marañón (SERRA, 2014, inédito), sobre la que pende la espada de Damocles de hasta 24 proyectos de gran repesaje hidroeléctrico. De generarse esta primera intervención el resto de hidroeléctricas se engazarían en los mismos argumentos.

Ya que esta cuenca es la que nutre con sus aguas a aproximadamente el 17 % de la población del país y es en sus bosques secos estacionalmente húmedos donde se desarrollan una extraordinaria cantidad de endemismos de flora y fauna salvaje, es imprescindible hacer el análisis de la proyección de los impactos y daños sociales y ambientales acumulados generados por este Megaproyecto.

El proceso de integración internacional en el que está involucrado este contexto desarrolla como nunca antes en nuestro territorio la posibilidad de intervenirlo a gran escala con inversiones que llegan a plantear cifras récord,

⁵ Odebrecht Energía - La Odebrecht Energía posibilita que se anticipe la desviación del río de una de las mayores hidroeléctricas de Perú – www.odebrechtenergia.com.br

superiores a los 4 mil millones de dólares, Ejemplos de estos son el proyecto de Central Hidroeléctrica de Inambari⁶, el proyecto Minero Conga⁷ o el proyecto minero Las Bambas en Cusco⁸ solamente como algunos de los que más resistencia social han generado.

Bajo esta llegada del capital y el progresivo acaparamiento de los medios de comunicación en una sola familia (Miroquesada), las inversiones extranjeras directas o IED se han ido transformando gracias al accionar sistemático de los medios a lo largo de al menos 23 años de instauración del modelo neoliberal⁹ en un dogma sobre la que se edifica el constructo del Estado, incuestionable y permanentemente creciente que traducen sus beneficios a través de las curvas del PBI y las proporciones de exportación de sus materias primas.

A pesar de la apariencia de bienestar distribuido en los centros de poder político y los enclaves del capital, alrededor de los núcleos de riqueza en las grandes ciudades, la periferia de miseria se mantiene y al mismo tiempo son justamente los centros mineros los que registran a su alrededor los porcentajes que bordean el 70 y 80% las tasas de pobreza (SERVINDI, 6/11/2012). Estas características no son un elemento nuevo, y ya se puede visibilizar en los análisis de José Carlos Mariátegui hace casi un siglo con la misma claridad con la que se podría hacer el día de hoy acerca de la coyuntura, que, salvo quizá el tema del latifundio se mantienen fuertemente presentes en el Perú contemporáneo.

El problema indígena se identifica con el problema de la tierra. [...] El latifundio feudal mantiene la explotación y la dominación absolutas de las masas indígenas por la clase propietaria. La lucha de los indios contra los gamonales ha estribado invariablemente en la defensa de sus tierras contra la absorción y el despojo. Existe, por tanto, una instintiva y profunda reivindicación indígena: la reivindicación de la tierra. Dar un carácter organizado, sistemático definido a estas reivindicaciones es la tarea que tenemos el deber de realizar activamente. (MARIATEGUI, 1988, p. 42).

⁶ <http://larepublica.pe/10-04-2010/brasilenos-dan-marcha-atras-en-inambari>

⁷ <http://www.conga.pe/>

⁸ http://www.capital.com.pe/2015-09-30-las-bambas--por-que-es-importante-ese-proyecto-minero-en-la-economia-peruana-noticia_840304.html

⁹ Nuestro año base es 1992, momento en que se da el golpe de Estado fujimorista e inicia la dictadura

De acuerdo a documentos del Organismo de Formalización de la Propiedad Informal - COFOPRI el 27% del territorio nacional corresponde a comunidades en la costa, sierra y selva (CEPES, 2013), ellas se pueden dividir entre Comunidades Campesinas y Comunidades Nativas sumando, de acuerdo a la Encuesta Nacional de Hogares ENAHO-2010 en 1'137,582 familias siendo dos tercios de estas campesinas y apenas un tercio reconocidas como nativas.

De acuerdo a cifras de este mismo organismo, hasta el año 2010 existían 6 069 comunidades campesinas ubicándose la mayoría de ellas en la sierra (5085) y una menor cantidad en la costa y selva (174 y 90 respectivamente) mientras que tenemos 1469 comunidades nativas en la Amazonía de acuerdo a la campaña lanzada por el Instituto del Bien Común, Cepes y otras organizaciones, en el año 2010 denominada "Territorios Seguros para las comunidades del Perú" estas cifras estatales podrían ser conservadoras especialmente en el territorio de la selva amazónica, que dicho sea de paso constituye más del 65% del territorio nacional. De acuerdo a esta misma campaña, a pesar que la gran mayoría de tierras de comunidades campesinas y nativas se encuentran hoy tituladas (cerca del 80%), más del 90% de las nativas y 60% de las campesinas no se encuentran georeferenciadas, por lo tanto se hallan fuera de cualquier sistema de información geográficas lo cual la hace vulnerable a disputas por tierras e invasiones (Instituto del Bien Común – IBC, 2012) y debilita el derecho al mismo tiempo que hace imposible el reclamo legal de sus derechos sobre sus tierras.

Las principales fuentes de conflictos en nuestro país se dan alrededor de actividades con impactos denominados "Socio-Ambientales" que tienen que ver con procesos de deforestación y cambio de uso de suelos, explotación de hidrocarburos que en el Perú (fundamentalmente Gas y Petróleo), y minería. La infraestructura, sea vial o energética es un elemento subyacente a las necesidades de crecimiento de estas inversiones. Por lo que hay que conocer el significado de esta para la potencialización de la producción de todas las otras intervenciones en el territorio nacional.

2.1. Fuentes y usos de energía en el Perú

La aparición de la energía eléctrica en nuestro país para uso generalizado ha tenido un uso histórico a partir fuentes basadas en la quema de biomasa y la utilización de fuerzas mecánicas. La aparición en la costa norte de las primeras formas de extracción de combustibles fósiles se iniciaron durante la década de 1850 a partir de la que ya no solamente se utiliza el calor para iluminar, calentar o mover sino que se sumaron nuevas formas y usos como el transporte a motor sea en forma de trenes, barcos automóviles y otras formas de locomoción. Así mismo la electricidad abrió las puertas para que nuevas fuentes mucho más versátiles de utilización de la energía puedan empezar a utilizarse de distintas formas como en la electrónica, procesamiento de datos y medios de comunicación.

Todas estas formas y momentos en la generación de energía en el Perú se encuentran superpuestos y distribuidos en su uso entre la población dependiendo de la zona geográfica donde se encuentran y de acuerdo con sus formas de vida, sus ingresos y su clase social de forma tal que en los sectores más necesitados de la población en el país la biomasa traducida en leña sigue siendo el combustible más usado llegando a abastecer el 28% de las familias en todo el territorio nacional. Justamente en el departamento de Cajamarca, donde se desarrollan los principales proyectos mineros, este porcentaje de uso llega a más del 80% (OSINERGMIN, 2011).

Además de la leña, también se utilizan Carbón, bosta Yareta o Champa, briquetas y su uso llega al 8% de hogares en todo el país, aunque si solamente consideramos las zonas rurales este porcentaje se eleva al 19%, siendo Puno (OSINERGMIN, 2011), ubicado en la sierra sur del país en donde se extiende en mayor medida esta práctica con un 79% de su total.

Esta práctica es altamente contaminante, no solamente por la masa de CO₂ que emite en la atmósfera como contribución a la masa de Gases de Efecto Invernadero en la atmósfera sino por la inhalación directa de gases

tóxicos por las personas que habitan las viviendas que usan estos medios como energía.

En su nota descriptiva 292, de marzo del 2014 así como en comunicados de prensa y distintos documentos, la Organización Mundial de la Salud nos alerta de la gravedad del uso de estas fuentes de energía dentro de los hogares en todo el mundo :¹⁰

- Unos 3.000 millones de personas cocinan y calientan sus hogares con fuegos abiertos y cocinas en los que queman biomasa (madera, excrementos de animales o residuos agrícolas) y carbón.
- Cada año, más de 4 millones de personas (en el mundo) mueren prematuramente por enfermedades atribuibles a la contaminación del aire de los hogares como consecuencia del uso de combustibles sólidos para cocinar.
- Más del 50% de las muertes por neumonía en menores de 5 años son causadas por partículas inhaladas en interiores con aire contaminado.
- Cada año, 3,8 millones de defunciones prematuras debidas a enfermedades no transmisibles, en particular accidente cerebro vascular, cardiopatía isquémica, neumopatía obstructiva crónica y cáncer de pulmón, son atribuibles a la exposición al aire de interiores contaminado. (OMS, 2014)

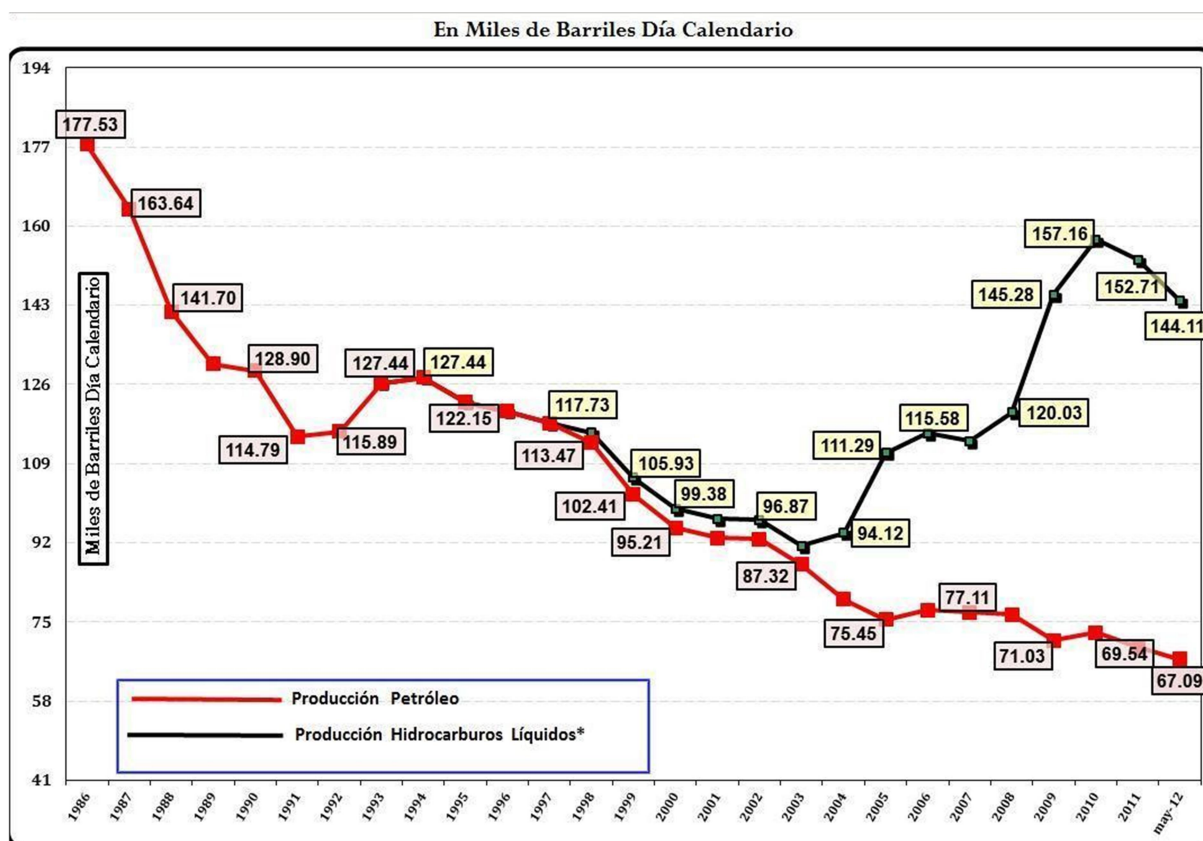
Aquí ya se puede visibilizar la importancia y multidimensionalidad que representa la matriz energética nacional para la vida de las poblaciones en prácticamente todo el territorio nacional. Y aunque el año 2013 la cobertura de electrificación llegó a cubrir al 91,1% de los hogares este porcentaje suele disminuir fuertemente en zonas rurales, por lo que el estado formuló el Plan Nacional de Electrificación Rural (MINEM - 2011) que proyecta tener un 91,6% de electrificación en el campo para el 2016 y se equilibre con la proyección de un 95% en la ciudad.

¹⁰

<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs292/es/>

Por otro lado en cuanto a hidrocarburos, el Perú tiene una producción muy por debajo de sus requerimientos o demanda interna nacional extrayendo apenas una cuarta parte del crudo necesario para la producción, las otras tres cuartas partes del petróleo son importados. En su totalidad entre el año 2008 y el 2013 consumimos un promedio de 200 mil barriles diarios de crudo dentro de nuestras fronteras (DIARIO LA REPÚBLICA, 1 de mayo, 2013). Y aunque hay reservas probadas sin explotar, el Perú apenas representa el 0.1% de todas ellas a nivel mundial.

Gráfico 02 – Producción anual de petróleo e hidrocarburos líquidos



Fuente: Boletín de la Dirección General de Hidrocarburos (MINEM) / Anuario estadístico de los años mencionados

Desde el inicio de la crisis internacional generada el 2008 hasta el 2012 el Perú importó alrededor de USD 20 mil millones en combustible dividido entre crudo, diesel 2, gasolinas y gas licuado de petróleo (GLP) (DIARIO LA REPÚBLICA 01-05-2013). Esto debido en gran parte al boom e inestabilidad de los precios que ocasionó altos costos del crudo en el

mercado internacional. Esta dependencia debería representar un incentivo para la búsqueda de fuentes alternativas de energía que puedan reducir la brecha entre demanda y oferta de fuentes de energía pero la explotación de Camisea en la provincia de Cusco desde el 2004 ha modificado profundamente la matriz energética nacional ya que las reservas que ella representaba eran muy superiores a las principales hasta entonces (ella sola es 32 veces superior el tamaño de los yacimientos de la costa norte peruana) por lo que representa el sostén para el desarrollo de un proceso de industrialización nacional del gas, sin embargo esta podría perfectamente plantearse como una energía de transición que podría permitir el diseño e inversión en una matriz energética 100% basada en Energías Renovables no convencionales para la mitad del siglo.

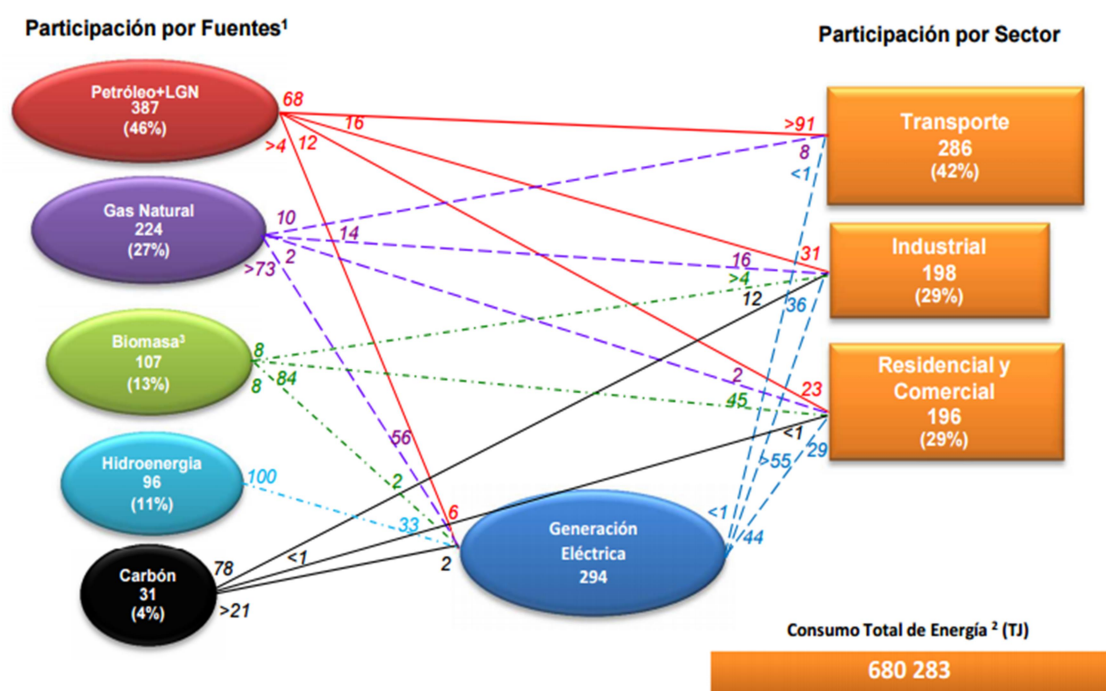
Las reservas probadas de gas natural en el país, ascienden a 15.38 TCF (MINEM, 2014), de las cuales, las reservas en la zona de selva sur (Lote 56 y 88) representan el 86.90%. Dichas reservas probadas de gas natural representan el 54% de la suma de todas las reservas (probadas, probables y posibles). En cuanto a los líquidos de gas natural, las reservas probadas ascienden a 727 Millones de Barriles (MMBLS) (MINEM, 2014), en donde las reservas en la zona de selva sur (Lote 56 y Lote 88) representan el 93% y denotan el 53% del total de reservas (probadas, probables y posibles).

Finalmente el carbón mineral como fuente fósil de energía tiene reservas que equivalen a apenas 21'430,000 Toneladas (OSINERGMIN 2014) lo que equivale, igual que en el caso del crudo, a alrededor del 0.1% de las reservas globales, además ellas no están contempladas en los planes de crecimiento de nuestra matriz energética nacional. Entre las fuentes de Carbón mineral, tenemos fundamentalmente la antracita, el carbón bituminoso y la hulla, en muchos de los casos de calidades bajas o condiciones de acceso difíciles y por lo tanto no comercializables. Por otro lado en todo el país solamente tenemos una planta de Carbón llamada Ilo-2 en la costa sur lo cual termina de construir la afirmación de que el Perú es un país pobre en combustibles fósiles que nos generan una fuerte dependencia a las importaciones, tanto así que significan un déficit en la balanza comercial

de hidrocarburos de más de US\$ 3,300 millones al año. Aún así, resulta interesante y paradójico mencionar que, considerándose al Perú como país minero, en el año 2013 las regalías que generaron como aportes al Estado estos mismos hidrocarburos fueron 1000% superiores a las recaudados por el sector minero. Los combustibles fósiles con un total de S/.5,218 millones, y el sector minero con un total de S/.502 millones. Esto nos aporta al análisis el enorme poder del lobby minero en el país y la representación de sus contribuciones reales a la economía nacional.

Además de todo lo antes expuesto, a diferencia de aquellos grandes productores de hidrocarburos, desde hace varias décadas, se ha establecido el Impuesto Selectivo al Consumo que viene a ser de aproximadamente 1 nuevo sol (0.30 centavos de dólar) por galón (4 litros) de combustible además del Impuesto General a la Venta.

GRAFICO 03 – Matriz energética del Perú 2012 –PJ



Nota:

¹: Después de pasar por los Centros de Transformación y/o descontadas las pérdidas, excepto para generación eléctrica

²: No considera consumos finales de No Energéticos.

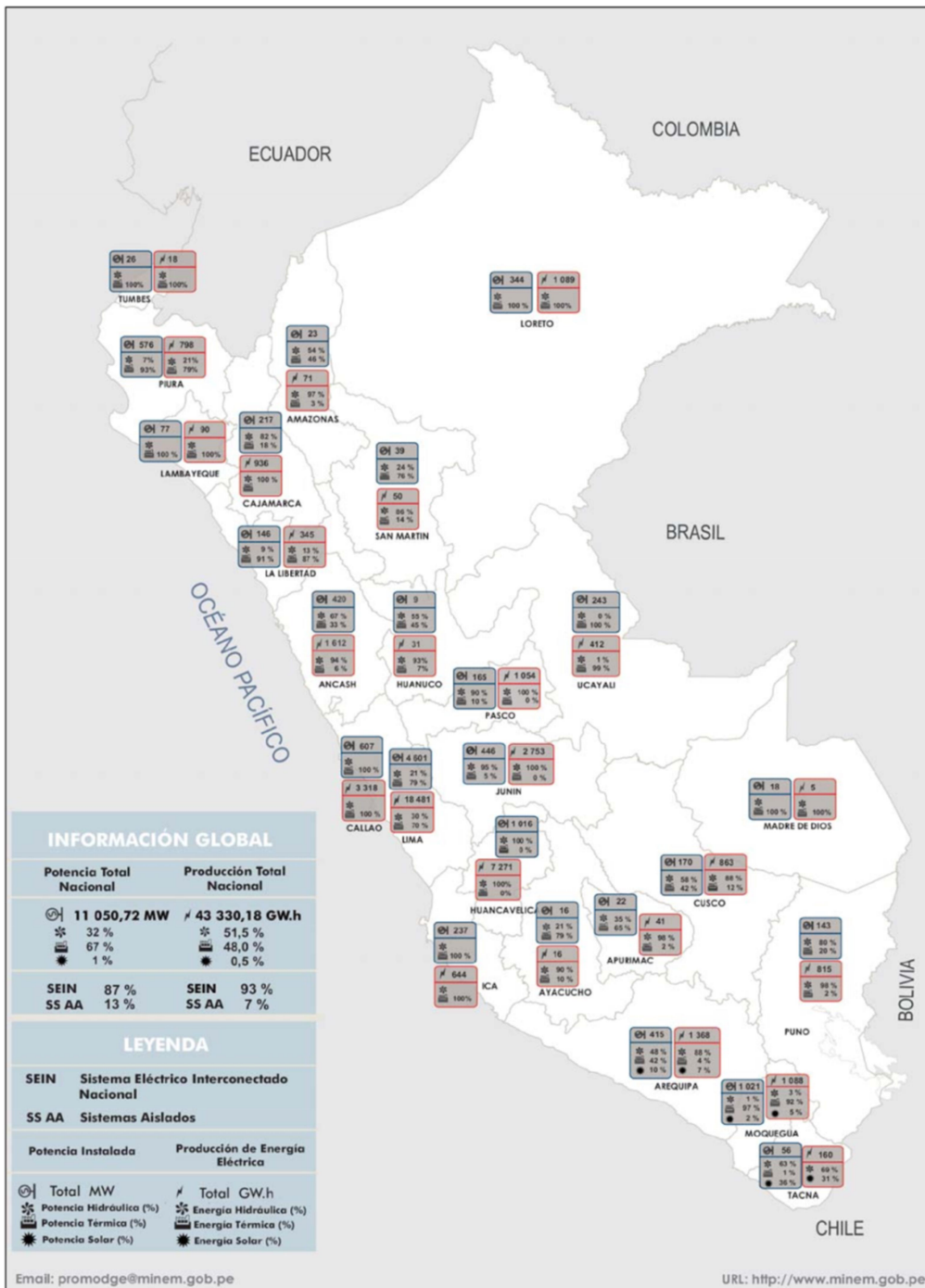
³: La Biomasa integra a la Leña, Bosta & Yareta, Bagazo y Biogas.

1/ La participación de la energía solar es mínima y también el consumo de electricidad en el sector transporte.

2/ PJ = 10¹⁰ Joule

Fuente: MINEM 2012

GRAFICO 04 – Mapa de potencia instalada y producción de energía eléctrica 2013



Fuente: Ministerio de Energía y Minas de Perú - MINEM

2.2. La electricidad

La energía eléctrica aparece en nuestro país en los últimos años de la década de 1880 (MINEM, 2010) y se instala en 1895 con la Empresa Transmisora de Fuerza Eléctrica, con planta en Santa Rosa de la Pampa. Su primera transmisión se efectuó el 6 de agosto de ese mismo año.

Posteriormente, la Sociedad Industrial Santa Catalina absorbió los capitales de la Empresa Transmisora y la compañía cambio de nombre a Empresa Eléctrica Santa Rosa. En 1903 se inauguró la Central Hidroeléctrica de Chosica, con una potencia de 4 mil caballos de fuerza (h.p). siendo la primera central peruana en usar un salto considerable en el sistema fluvial Rímac - Santa Eulalia.

Tres años después el gobierno fusiona todas las empresas relacionadas con la industria eléctrica: La Empresa Eléctrica Santa Rosa, que incluía a Piedra Lisa y la del Callao; La Compañía del Ferrocarril Urbano de Lima, el Ferrocarril Eléctrico del Callao y el Tranvía Eléctrico a Chorrillos, formando las Empresas Eléctricas Asociadas. Al año siguiente entró en operaciones la Central Hidroeléctrica Yanacoto desde entonces hasta los años 70 el crecimiento de la matriz energética nacional se dio lentamente alrededor de las tres cuencas de Lima donde se desarrollaron los principales proyectos: Con la ley 4510 promulgada el 15 de mayo de 1922, se contrató e instaló lo que sería el alumbrado para Lima y sus tranvías con el gobierno municipalidad de la ciudad.

Este es un hito trascendental ya que con un país sumamente centralizado como el peruano, esto permitió el comienzo de la expansión de las Empresas Eléctricas Asociadas y le dio poder para pensar proyectos en otras zonas. Así, en 1933 Pablo Boner formula y plantea la construcción en tres etapas para la utilización del potencial hídrico de la cuenca del río Rímac – Santa Eulalia mediante la construcción de hidroeléctricas en cascada. En 1938 se termina de construir la central de Callahuanca con tres generadores de 12,250 KW cada uno, su potencial total es de 36,750 KW, una década

después, en 1943 inicia sus actividades el reservorio de regulación diaria de Autisha. En 1951 fue puesto en marcha el primer grupo de 21 mil KW de la central hidroeléctrica de Moyopampa y al siguiente año le siguió el segundo grupo con igual potencia. En 1955 fue posible ampliar la central de Callahuanca con un cuarto grupo de 31000 KW y la central de Moyopampa con un tercer grupo de 21000 KW. (MUSEO DE LA ELECTRICIDAD DE LIMA - Blog Oficial¹¹)

En 1957 se dio inicio a los trabajos de la CH. De Huinco que solamente se inauguraría 8 años después, en 1965. El 30 de marzo de 1960 se inauguró la Central de Huampaní Gino Bianchini con 31 mil KW de potencia instalada. En este año salieron del servicio por tiempo de vida útil, las centrales de Yanacoto y Chosica¹².

El gobierno militar revolucionario irrumpe en 1969 en un contexto de corrupción y privatización de recursos energéticos estratégicos e inicia un proceso de profundos cambios en la vida nacional con la reforma agraria en 1969, tres años después, en 1972 Juan Velazco Alvarado nacionalizó la industria de la electricidad a través de la Ley N° 19.521 y crea ELECTROPERÚ (Empresa de Electricidad del Perú). Esta se convierte en la poseedora de los activos de generación, transmisión y distribución de electricidad y llegó a estar a cargo de la prestación del servicio y de la planificación de las inversiones. Hasta comienzos de los 80 había importantes inversiones en proyectos hidroeléctricos y de energía térmica. En 1982 se inició el periodo de crisis de la deuda con lo que el empuje dado hasta ese entonces se vió frenado casi en su totalidad.

Ya iniciado el periodo del denominado fujimorismo el sector eléctrico en el Perú se lesionó de forma importante debido a la casi inexistente inversión en infraestructura, al hecho de que las tarifas no cubrían los costos de producción, a que la inversión estaba restringida al mantenimiento y a la reconstrucción de las infraestructuras que venían siendo destruidas por la subversión durante la guerra interna.

¹¹ <http://museodelaelectricidad.blogspot.pe/>

¹² Museo de la Electricidad. Visita guiada. Lima. 2015

Con la llegada del autogolpe de Estado el 5 de abril de 1992 y la reapertura al mercado internacional, el fujimorismo establece el sistema jurídico para la facilitación de las inversiones en todo el territorio nacional y la drástica reducción del Estado, así como la promoción de los roles rectores del mercado en la economía nacional, con lo que inicia la reconstitución del sistema eléctrico y la ampliación del mismo rápidamente durante toda la década que vendría en función de intentar mantener la demanda creciente, fundamentalmente del sector minero y la recomposición de la demanda interna.

Con la caída de la dictadura en medio de la crisis política más importante de toda la historia republicana, con una enorme corrupción al descubierto de prácticamente todos los sectores conductores del Estado y empresas, muchas de ellas de telecomunicaciones, así como la llegada de gobiernos elegidos electoralmente, inicia un nuevo periodo de desarrollo masivo de las inversiones y un amplio proceso de electrificación de la mano con ellas.

2.3. El acuerdo energético Perú – Brasil

Durante el mes de noviembre del 2007, la Dirección General de Electricidad (DGE) del Ministerio de Energía y Minas (MINEM), entrega el informe “Elaboración de resúmenes ejecutivos y fichas de estudios de las centrales hidroeléctricas con potencial para la exportación a Brasil”. A través de este se plantea la Central Hidroeléctrica de Inambari, Paquitzapango, Tambo 40, y Tambo 60 en el interior de un listado de 15 hidroeléctricas para que abastezcan de energía a Brasil a través de la generación y venta de la misma. Pero esta es una historia de casi 30 años atrás en la que la Dirección de Electricidad del Ministerio de Energía y Minas, con apoyo de la Cooperación Técnica Alemana (GTZ) entre los años 1976 al 1979, realizó la denominada Evaluación del Potencial Hidroeléctrico Nacional. El proyecto de Inambari resultaría clave para hacer viable la interconexión física del Sistema Eléctrico Interconectado Nacional del Perú con su par en Brasil al

encontrarse cerca de la frontera sur del Perú, en el departamento de Madre de Dios y que conectaría nuestra matriz con el tendido eléctrico de Acre.

En el 17 de mayo del 2008, el gobierno de Brasil y Perú firmaron un acuerdo bilateral de cooperación energética para el desarrollo de proyectos hidroeléctricos de exportación de energía, sin especificar zona ni proyecto hidroeléctrico alguno, esto presuntamente porque varios de los que ya se venían discutiendo y se encontraban identificados se encontraban sobre territorio de comunidades indígenas y eran posible objeto de consulta previa. A pesar de esto, el 12 de junio del 2008, el MINEM otorgó, mediante Resolución Ministerial N° 287-2008-MEM/DM, la concesión temporal a favor de la Empresa de Generación Eléctrica Amazonas Sur S.A.C. (EGASUR) para el desarrollo de estudios relacionados a la actividad de generación de energía eléctrica en la futura Central Hidroeléctrica de Inambari.

En este marco el mismo año se toman medidas para promover inversiones eléctricas como el Decreto Legislativo 1002 de promoción de la inversión para la generación de electricidad con el uso de energías renovables y su reglamento, así como el Atlas Eólico del País (MINEM, 2008) que plantea que el potencial eólico nacional bordea los 22,000 MW mientras que en el Atlas de Energía Solar (SENAMHI, 2003) se detalla que existen en promedio 5.24kWh/m². A partir de esto se han iniciado la promoción de mayores inversiones en energías renovables que hoy bordean en 0,5% del total de potencial instalado.

Pasados ya 10 años de la firma del IIRSA y 7 luego de iniciado el proceso de descentralización, el ministerio de Energía y Minas de Perú firma con el Ministerio de Minas y Energía de Brasil el “acuerdo entre el gobierno de la República del Perú y el Gobierno de la República Federativa del Brasil para el suministro de electricidad al Perú y exportación de excedentes al Brasil” suscrito el 16 de junio del 2010. En el caso peruano, al ser necesario la modificación legislativa para la puesta en práctica de dicho acuerdo, el documento pasa al poder legislativo para ser discutido.

Es importante contextualizar que en el momento de la firma del acuerdo, en el Perú se contaba con una Matriz Energética Nacional de

alrededor de 6000 Mw, sin embargo el acuerdo plantea la venta dentro de los siguientes 50 años de una cantidad de energía constante que podría llegar hasta los 7200 Mw de electricidad, es decir 120% de toda la matriz eléctrica instalada en su momento, lo que implicaba, evidentemente, la necesidad de construir una amplia cantidad de nuevas centrales así como establecer el punto de interconexión con Brasil (Heck, 2010).

Los meses siguientes salieron a la luz por primera vez los documentos que se intercambiaron durante el proceso de negociación del acuerdo evidenciando al menos 6 centrales que serían prioritarias y una de ellas imprescindible para llevar a cabo la interconexión: Tambo 40, Tambo 60, Paquitzapango, Sumabeni, Pongo de Mainique y finalmente Inambari. Esta última de hasta 2200 Mw. de energía y sería el punto desde el que se tendería las líneas de transmisión para la interconexión física entre ambos países (MINEM. 2007).

El acuerdo energético, plantea una serie de posibles impactos en la ampliación de nuestra matriz energética mediante la construcción de megacentrales hidroeléctricas en territorio peruano, trasladando todos los posibles impactos sociales y ambientales a territorio nacional y la exportación de los beneficios (HECK. 2010), entre los que no solamente se encuentra la electricidad que se transportaría, sino que, en el caso específico de Inambari, esta central se plantea construir con un embalse mucho más grande del necesario (26,5 millones de m³ de agua) para que en tiempo de estiaje o de “seca” pueda verter sus aguas para que río abajo, la hidroeléctrica de Jirau y Santo Antonio no detengan su producción de energía cuando lo necesiten, es decir, para el afianzamiento hídrico de sus represas en el río Madeira (Diez Canseco, 2010)

Adicional a esto es importante mencionar que no solamente no se toma en cuenta la necesidad de establecer un proceso de consulta previa sobre el acuerdo sino que según él, de haber una emergencia nacional en territorio peruano que impida o disminuya el flujo de electricidad ya comprometido para el acuerdo, el Estado peruano tendría que pagar compensaciones a Brasil (HECK. 2010).

Siendo el Perú uno de los diez países más vulnerables del mundo frente al fenómeno del cambio climático y habiendo perdido en las últimas tres décadas más del 20% de su masa glaciaria, esto puede resultar una amenaza adicional para nuestra economía en el futuro inmediato.

A esto se suman los aspectos oscuros y en general las enormes carencias de estudios que son necesarios tener para validar los posibles impactos y beneficios de cualquier tipo de infraestructura en la Amazonía peruana y en particular de las hidroeléctricas. En este sentido ya nos lo anuncia Marc Dourojeanni con un detalle y una minuciosidad que es necesario citar:

Es importante conocer el área que será inundada por cada represa y el área que será indirectamente afectada en su entorno. De eso depende conocer el número de habitantes que serán desplazados o afectados y, asimismo, el rango de deforestación o de alteración de ecosistemas que será producido.

Esta información no es fácil de ser definida pues los constructores pueden, en el curso de los estudios e inclusive durante la construcción, alterar la altura final del dique en función de una serie de variables y, por lo tanto, modificar el área afectada. Otro aspecto fundamental es estimar la distancia que la energía producida en cada central deberá recorrer para interconectarse a una red eléctrica ya existente. Las líneas de transmisión eléctrica, en términos de deforestación directa e indirecta, pueden ser tan significativas como las carreteras. No existe información clara sobre el kilometraje de líneas de transmisión que serían construidas, pero apenas la que corresponde a la interconexión de la central del Inambari con el Brasil implicaría unos 300 km tan solo en territorio peruano.

También fue anunciado que la interconexión eléctrica entre Perú y Brasil costaría de US\$800 a US\$1,000 millones. (Dourojeanni, 2011, p. 42).

En los últimos años una gran cantidad de ONGs, organizaciones sociales y actores del Estado han prestado atención al también denominado “Acuerdo Energético Perú-Brasil” por las consecuencias que tendrían en las poblaciones directamente afectadas por los 6 proyectos priorizados por los documentos que se intercambiaron entre los Estados durante las negociaciones. Sin embargo una de las hipótesis de las que parte este estudio es que no serán solamente estas sino varias otras en todo el país las que tendrán que construirse para abastecer a Brasil con la energía, exista o no un documento firmado entre los estados, tal es así que aún cuando el 12

de mayo del 2014 la Comisión de Relaciones Exteriores del Congreso de la República archiva el Acuerdo, prácticamente todos los proyectos aún permanecen en discusión en diferentes documentos oficiales del Estado y las expectativas de ser exportadores de energía se conserva dentro del discurso oficial del Estado. En ese sentido cobra relevancia el proyecto Marañón, donde es posible que se encuentre una de las mayores fuentes explotables de recurso hídrico para generación eléctrica del país.

2.4. El proyecto marañón y la “revolución energética nacional”

En marzo del 2011 el Gobierno de Alan García publica el Decreto Supremo 020-2011-EM mediante la cual se priorizan como necesidad pública y de interés nacional la construcción de 20 hidroeléctricas en el Río Marañón (MINEM – 2011). Esta es declarada en ese entonces como la “Revolución Energética Nacional” y el legado del Presidente García. El proyecto plantea la construcción de 20 embalses en la segunda cuenca más grande del territorio nacional y uno de los 4 afluentes más importantes del Amazonas, que además de comprender buena parte del Perú y del Ecuador brinda dentro de los límites de su cuenca, agua a aproximadamente el 17% de los pobladores de nuestro país y atraviesa en sus 1600 Km de largo 7 departamentos de los 26 existentes en el Perú (ARANA. 2012).

Además de esto el Marañón presenta a lo largo de su cuenca enormes bosques secos con presencia de una gran cantidad de endemismos de reptiles, aves, peces y plantas que solamente existen en sus profundos cañones y que terminan integrándose muchos kilómetros río abajo con las mismas aguas que bañan los bosques tropicales del Amazonas.

En este territorio también habita la nación Awajún-Wampis, el segundo pueblo indígena amazónico más grande del Perú¹³ (55 mil habitantes

¹³ Base de Datos de los Pueblos Indígenas y Originarios del Ministerio de Cultura:
<http://bdpi.cultura.gob.pe/pueblo/awajun>

aproximadamente¹⁴) solamente superado por los Ashaninkas en la cuenca del Valle del Río Apurímac y Ene - VRAE al centro del Perú.

Así como los Awajún, las cuencas norte y sur del Marañón está bordeada a cada lado por una gran cantidad de pequeños pueblos campesinos, tanto aquellos pequeños propietarios como los que viven en comunidades campesinas donde se posee la tierra de manera comunitaria y no individual. Todas ellas podrían ser afectadas si se construyen los ya 24 proyectos de centrales hidroeléctricas que en la cuenca del río, siendo este el río que posee más de la mitad de los 40 proyectos de generación de hidroenergía de mediano y gran embalse planificados los próximos años en la cuenca amazónica.

De todos estos proyectos, Chadín 2 es el que se ha desarrollado desde el lanzamiento de toda la propuesta de represas en el Marañón y el que más procesos de resistencia ha generado por las poblaciones aledañas durante los últimos años.

A partir de este y el proceso de resistencia vivido durante el año 2006 en la cuenca del río Inambari es que la pregunta sobre la veracidad de las hidroeléctricas como energía limpia que plantea el Estado y la empresa a las poblaciones, así como los supuestos beneficios que ella acarrearía se han empezado a poner en debate y discusión y a exponer en la comunidad diversos estudios de otras experiencias parecidas en las que se demuestran que construcciones como las que se proponen en la cuenca norte del Perú no solamente generarían impactos sociales y ambientales negativos, sino incluso son económicamente inviables o al menos, generan pobres ganancias para el territorio nacional

El estudio de la Universidad de Oxford ¿Deberíamos seguir construyendo más grandes represas?, publicado en marzo. En él se analizan a profundidad 245 grandes represas construidas entre 1934 y 2007 en 65 países de los cinco continentes. Los investigadores concluyen que “incluso sin contabilizar los impactos negativos en la sociedad humana y el ambiente, los costos reales de las grandes represas son demasiado altos para brindar un retorno [de inversión]

¹⁴ 55, 366 habitantes, de acuerdo al último censo realizado el 2007 por el INEI. Datos fuente del “Vigilante Amazónico” en: <http://www.vigilanteamazonico.pe/pueblos-indigenas/el-pueblo-awajun.html> , Aunque el Ministerio de Cultura lo evalúa en 62, 765 personas : Publicado en Base de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios (<http://bdpi.cultura.gob.pe>)

positivo” Este estudio demostró que el 96% de las grandes represas cuesta más de lo inicialmente presupuestado y que ocho de cada 10 de ellas superan el tiempo previsto de construcción. Los sobrecostos y las demoras se aplican sin importar el lugar del mundo donde se implementen, la entidad que las financia o cuándo se construyeron. (PUENTES, 2014, 08/09/2014).

Por lo que a pesar de no representar ningún elemento de seguridad en función de los beneficios que traerán para las sociedades en las que se instalan, las hidroeléctricas como Chadín 2, generan pérdidas económicas importantes, Así lo admitió hace poco Jacques Leslie en su columna de opinión del New York Times.

Así lo ha demostrado otro gran gurú de la construcción de represas: el Sr. Thayer Scudder, con casi 60 años de carrera profesional. Tras haber sido un férreo defensor de los beneficios que en su criterio las grandes represas traen, en especial a las comunidades más pobres, Scudder cambió de opinión. A sus 84 años, reconoció que “las grandes represas no solo no valen lo que cuestan, sino que muchas de las que están en construcción ‘tendría desastrosas consecuencias ambientales y socioeconómicas. (LESLIE, 2014, 22/08/2014).

Por los datos que presentaremos en las próximas páginas todo indica que esta clase de información es cierta y se aplica para cuencas de gran caudal y endemismos en flora y fauna silvestre. Y a pesar de que se suele tomar a la cuenca del Marañón como fundamentalmente localizado en un enorme Bosque Tropical Estacionalmente Seco, en realidad es en todo su recorrido uno de los elementos fundamentales que, con toda su carga de nutrientes, da origen y vida al río Amazonas.

2.5 Carencias y la necesidad de conocimiento.

En el Perú no existe un Plan Nacional de Desarrollo para la Amazonia. En el caso de la cuenca del Marañón los estudios son casi inexistentes en todo sentido (SERRA, 2013). Tanto en el conocimiento de la flora y fauna del bosque estacionalmente seco, de los ritmos hidrológicos de sus afluentes, de las comunidades que habitan en sus riberas, de los restos arqueológicos desperdigados en los cañones, de sus fragilidades ecosistemicas y las

potencialidades económicas, farmacéuticas o turísticas de sus muchas particularidades biológicas y geológicas.

No se han encontrado registros que puedan hacer un balance de impactos acumulados de la actividad humana o de una mirada de toda la cuenca en función de alguno de los componentes arriba planteados

Sin embargo, a pesar de la inexistencia de una Evaluación Ambiental Estratégica – EAE que analice el impacto integrado de todos los proyectos, se está deseando hacer una inversión masiva de recursos para modificar profundamente estos territorios. Consideramos que ya estas son razones suficientes para intentar un acercamiento al Marañón, uno de los últimos ríos prístinos de Sudamérica.

Pero, al mismo tiempo resulta también lamentable que no exista conocimiento detallado de la población que habita la cuenca o de su producción exacta de alimentos ni de sus cadenas de valor que generan en la interacción con los pueblos y ciudades intermedias con los que comercian sus productos. Bajo este criterio podemos expresar que efectivamente tanto la población local como las formas de flora y fauna e incluso la producción de los valles son profundamente vulnerables al ser invisibilizados.

La desigualdad de los habitantes de estas zonas se encuentra explicito no solamente por no tener ningún tipo de acceso a servicios del Estado como agua potable, salud, educación o en muchos casos electricidad, sino que además en condiciones de “competencia” o lucha por el territorio ellos se encuentran no reconocidos y en condiciones de alta vulnerabilidad:

O conceito de desigualdade ambiental permite apontar o fato de que, com a sua racionalidade específica, o capitalismo liberalizado faz com que os danos decorrentes de práticas poluentes recaiam predominantemente sobre grupos sociais vulneráveis, configurando uma distribuição desigual dos benefícios e malefícios do desenvolvimento econômico. Basicamente, os benefícios destinam-se às grandes interesses econômicos e os danos a grupos sociais despossuídos. (ACSELRAD Henri, et al, 2012, p. 165).

Esta vulnerabilidad y desigualdad ambiental es evidentemente un medio a través del cual es posible dejar de reconocer derechos o afectarlos

de manera directa, así como poder establecer las lógicas de enclave y desplegar el proyecto de territorio corporativo que se desea establecer. La violación del derecho a la información de todas las partes impactadas, sea tanto para conocer el proyecto o incluso para reconocer a las poblaciones que debería ser identificada como portadora de derechos ciudadanos es un hecho tan evidente que pareciera una efectiva ignorancia premeditada. Una suerte de olvido conveniente

3. CARACTERÍSTICAS DEL TERRITORIO DE CHADÍN 2

El Proyecto de construcción de la central hidroeléctrica de Chadín 2 consta de una presa de 175m de altura, desde la base del río Marañón, que pretende formar un embalse de 1.960 Hm³ de agua para la instalación de 600MW de potencia energética. Se pretende que el Proyecto abastezca de energía al Sistema Eléctrico Interconectado nacional (SEIN) y que a través de este se abastezca a consumidores públicos y privados. (AMEC, 2011, p. 40).

El embalse ocupará una superficie de 3.250 Hectáreas (AMEC, 2011, p. 71) y a raíz de sus grandes dimensiones está propenso a cambiar profundamente el tipo de hábitat y clima de sus inmediaciones, en la que tendrá una longitud de aproximadamente 64 km y profundidad de más de 80 metros en al menos el 50% de su extensión), formando por ello un hábitat artificial único tanto para la ecorregión del Marañón como para la región andino-amazónica del Perú. (AMEC, 2011, p. 117).

Se consideran tres etapas en la ejecución del Proyecto: construcción, operación y cierre:

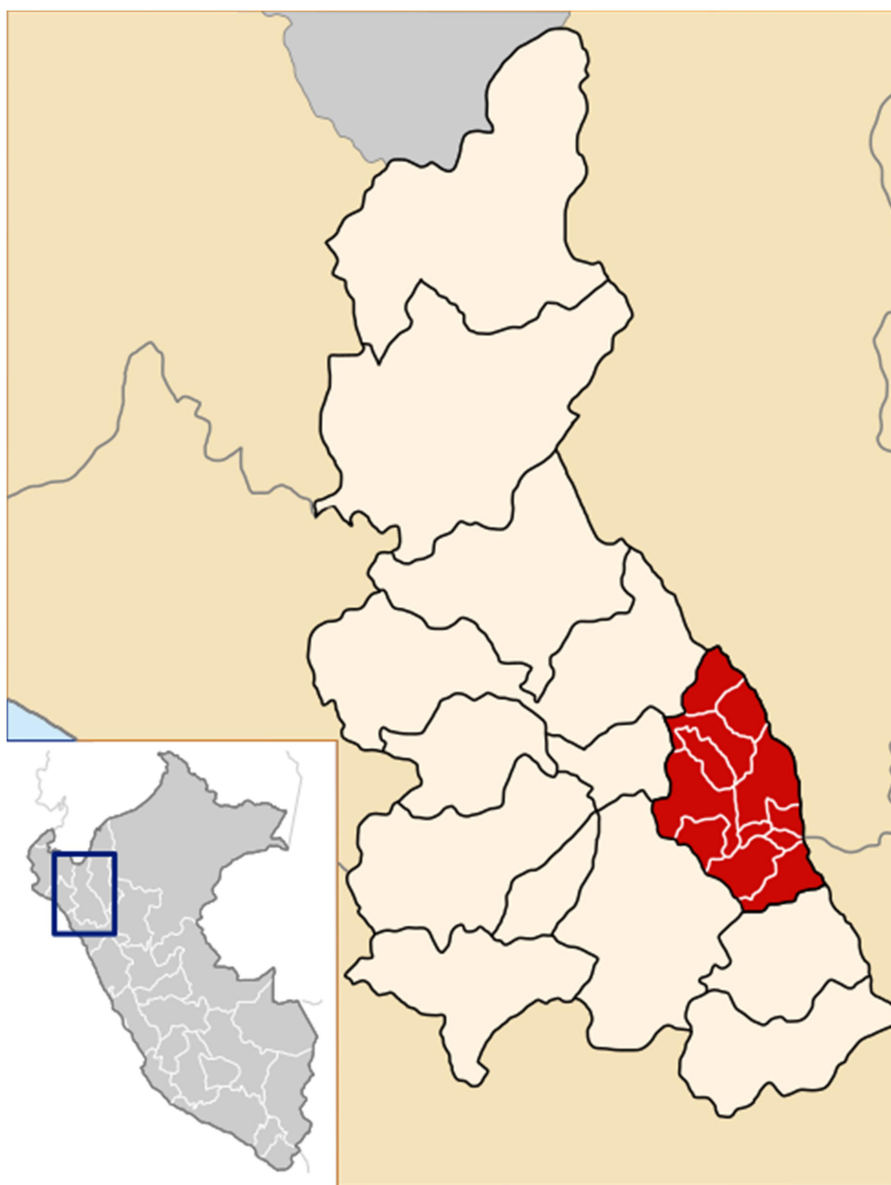
- a) La etapa de construcción durará 5 años más 4 meses de llenado,
- b) La etapa de operación comercial estimada es de 35 años y
- c) La etapa de cierre que se estima en aproximadamente 1 año.

Como se mencionó líneas arriba, el 16 de junio de 2010 se firmó el Acuerdo Energético por los gobiernos de Perú y Brasil, por el cual se pretendía establecer el marco legal para promover la construcción de centrales hidroeléctricas en la Amazonía peruana y se determinaban las condiciones de venta de electricidad al mercado peruano y al brasileño. Sin embargo, el congreso, al archivar este acuerdo hizo que esta clase de inversiones retomaran un marco más difuso en la dirección de las inversiones, aunque

esto no implique que sea diferente. Los cuatro años que este documento se mantuvo en vigencia y debate para su ratificación dentro del congreso permitió a inversionistas y empresas brasileñas proyectar inversiones que hoy se materializan individualmente fuera del marco del acuerdo binacional.

GRAFICO 05 - Mapa del departamento de Cajamarca

sombreado en rojo la provincia de Celendín



Fuente: Wikipedia

Así mismo el proyecto se mantiene en las proyecciones de construcción de infraestructura, el discurso de la Presidencia de la República

y en el interés del sector privado para producir energía para la minería y la exportación.

Así encontramos que el Proyecto Central Hidroeléctrica (C.H.) Chadín 2 se ubica aguas arriba del Proyecto C.H. Veracruz (730 Mw) distando aproximadamente 50 km (MINEM 2007). Hay que mencionar que Veracruz era hasta hace poco denominado Cumba 4 y figura con este nombre en el DS. 020 – 2011 (Proyecto Marañón) modificándose apenas la zona y las dimensiones originales de este otro proyecto.

El proyecto se encuentra en la zona centro-norte del valle del Marañón que representa un área de alto endemismo de especies tanto de flora como de fauna (AMEC, 2011, p. 83).

Según la Línea de Base Biológica se registró:

- a. 68 especies de plantas, de las cuales 17 corresponden a especies endémicas para Perú y 11 para los Bosques Tropicales Estacionalmente Secos (BTES) del Marañón.
- b. 79 especies de aves de las cuales 6 especies son endémicas para Perú.
- c. 2 especies de anfibios y 18 de reptiles. De estas últimas 7 especies son endémicas para Perú y 5 son endémicas del Bosque Seco del Marañón.
- d. 27 especies de mamíferos, sin embargo, existe un número mayor de especies potencialmente presentes.

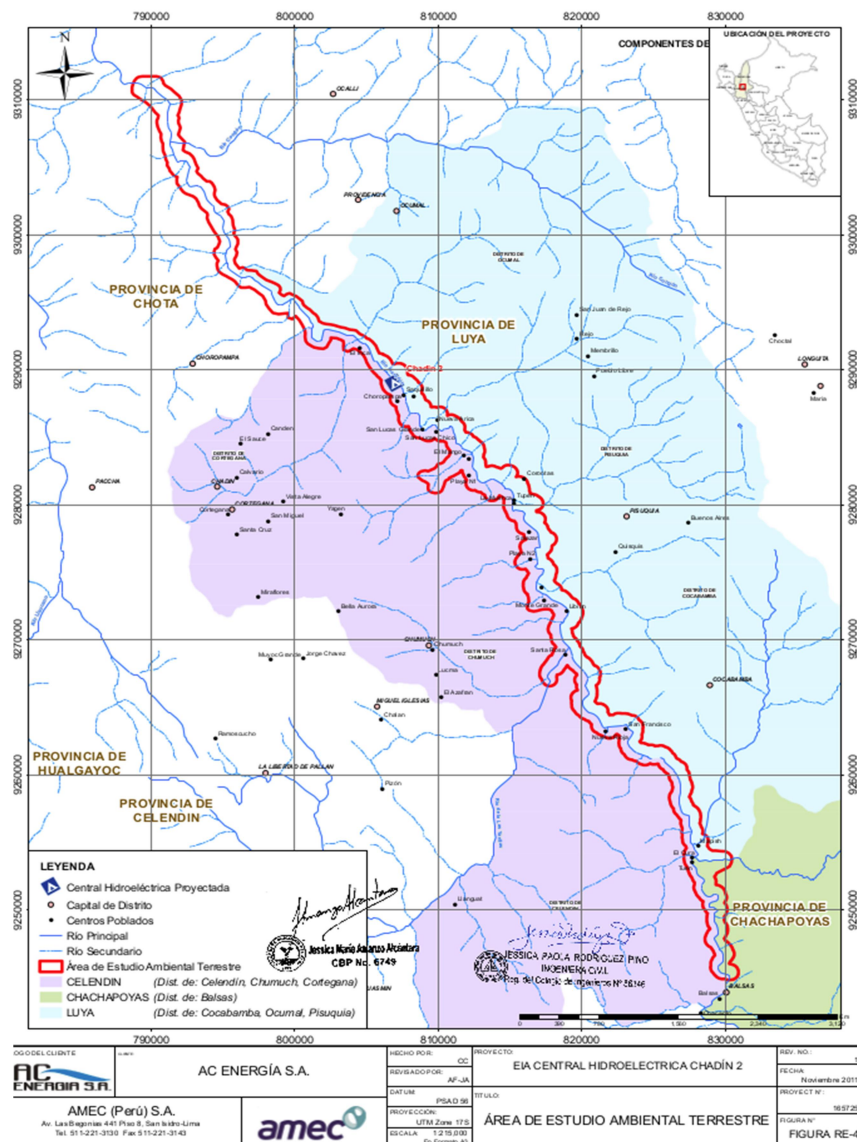
Sin embargo existen datos que nos indican que es altamente probable que no hayan existido aún investigaciones prolongadas que nos permitan saber con certeza todas las especies de animales y plantas que existen en este territorio

La herpetologista alemana Claudia Koch, de el Museo de investigación Zoológica Alexander Koenig, descubrió 14 especies de reptiles y anfibios nuevos para la ciencia en el valle del Marañón en tan solo 13 meses de investigación. Ella dice a Mongobay.com que no esta claro cuantas especies endemicas podrían estar siendo afectadas o “perdidas para siempre” por las represas, porque no hay suficiente conocimiento sobre las especies que han sido descritas, y

menos el número de especies que aún quedan como 'no detectadas' (HILL, Mongobay.com, Abril 2015).

Por lo que únicamente en base del principio precautorio, ya la construcción de la Central Hidroeléctrica de Chadín 2 representa serias dudas en su construcción y debería suspenderse indefinidamente hasta desarrollar las investigaciones necesarias sobre el terreno.

GRAFICO 06 - Localización geográfica de Chadín 2 – Área de Estudio Ambiental Terrestre



Fuente: Amec Perú S.A.

3.1. Impactos

Denominamos impactos a aquellos elementos que modifican de manera permanente la formas de vida dentro de la zona de intervención de la Central Hidroeléctrica.

Los efectos alterarán las dinámicas sociales, económicas y culturales de los 983 habitantes distribuidos en 215 hogares dentro la huella del embalse, los cuales ya no podrán seguir desarrollando sus actividades ni su vida en el área de inundación (AMEC, 2011 – Pág 131) .

Ellos verán afectados sus recursos naturales (zonas productivas, zonas de pastoreo, de pesca, etc.), sus actividades económicas (agricultura, ganadería, transporte fluvial, etc.), su infraestructura individual (viviendas, etc.), sus vías de comunicación (huaros, puentes, oroyas, caminos de herradura, etc.).

Para mitigar este efecto de carácter negativo la empresa le propone al Estado un Programa de Compensación Patrimonial basado fundamentalmente en dinero a manera de fondos de compensación económico y ayuda en la reubicación que incluye los siguientes 3 subprogramas

- Subprograma de Compra-Venta de Tierras.
- Subprograma de Adquisición Asistida; y
- Subprograma de Reasentamiento o Reubicación Voluntaria.

A continuación en el Estudio de Impacto Ambiental se describen los tres subprogramas: es importante resaltar que los programas son excluyentes, cada hogar solamente puede ser parte de un programa (AMEC, 2011, Pág 303)

Subprograma de Compra – Venta de Tierras: Se aplicará a propietarios que poseen gran cantidad de hectáreas (y generalmente alquiladas). Ofrece:

- d.i. Alcanzar un acuerdo entre privado y empresa mediante un pago monetario

Subprograma de Adquisición Asistida: Se aplica a propietarios que poseen pequeñas cantidades de hectáreas. Ofrece:

- d.ii. Alcanzar un acuerdo entre privado y empresa mediante un pago monetario
- d.iii. Asistencia técnica para generar alternativas de sostenibilidad a fin de invertir parte de la compensación.

Subprograma de Reasentamiento o Reubicación Voluntaria. Se aplicará a propietarios (de pequeñas cantidades de hectáreas) y jornaleros del área de inundación. Ofrece:

- d.iv. Talleres de preparación para el reasentamiento
- d.v. Preparación y ejecución del traslado
- d.vi. Selección de sitio de reposición: vivienda y área de cultivo (en lo casos que corresponda).
- d.vii. Apoyo en la obtención de semillas y otros insumos. Un bono equivalente a un sueldo mínimo por 6 meses y otros 6 meses de un bono con fines alimenticios.

No ofrece:

- d.viii. Compensación monetaria
- d.ix. No especifica la ubicación del reasentamiento.

El Proyecto se instalará sobre aproximadamente el 70% de todas las áreas de uso en cultivos, siendo las áreas de cultivos en playas y terrazas bajas y medias las más afectadas, dejando solo las terrazas altas y zonas elevadas con suelo fértil.

- a. Playas de San Lucas, Mendán y Santa Rosa quedarán bajo el embalse
- b. Playas de Tupén y Mapish cubiertas sólo parcialmente.

Igualmente se afecta el 24% del total de Bosque Seco que en parte corresponde a zonas de capacidad de uso mayor para agricultura.

Se estaría afectando al 83% de las áreas potenciales para producir, lo que constituye un cambio de uso que afecta la productividad actual y potencial (AMEC, 2011, p. 51).

En el caso de los impactos generados a la salud humana el Estudio de Impacto Ambiental – EIA, no muestra dato alguno sobre los impactos en la salud que puede generar la creación de un embalse en la zona.

Diversas investigaciones en el mundo correlacionan la incidencia de estas enfermedades con los cambios micro climáticos y la generación de hábitats propicios para la reproducción de vectores, todo ello como producto de los embalses. (ARANA, 2011, p. 298).

Por otro lado, el impacto Arqueológico es considerable ya que en el tramo del área del embalse se han reconocido 16 sitios arqueológicos, que no se han tenido en cuenta en el balance final de Costos – Beneficios de la empresa.

El Estudio de Impacto Ambiental no plantea la construcción de paso de peces migratorios ni la forma para hacer la purga de sedimentos eso implica la posible colmatación de la represa en menos tiempo del que podría ocurrir con la presencia de los aliviaderos así como la mayor cantidad de peces muertos por la imposibilidad de transitar por el río.

Lo que limita la esperanza de vida útil de la hidroeléctrica es la colmatación de sedimentos en la presa, hasta alcanzar 110m que es su altura operativa a la que se asume llegará en aproximadamente 35 años. El punto crítico de la operación de la hidroeléctrica es la retención de los elementos sólidos en el embalse y la consiguiente clarificación del agua que va a ser descargada (AMEC, 2011 pág 71).

Lo que demuestran estos datos es que la represa constituye una gran barrera ecológica en el río Marañón y detiene el paso de la vida y sus elementos fundamentales para continuar existiendo. Provoca la fragmentación de las poblaciones de peces migratorios y la muy probable desaparición de estas especies aguas arriba. Las especies más afectadas

son las que realizan largas migraciones (más de 110km) como el boquichico, el zúngaro y el sábalo o dorada.

Serra Vega dice que la construcción de solamente cuatro de las represas podría destruir la migración de los peces y detener la posición de sedimentos vitales ricos en nutrientes río abajo. Estos fertilizan los suelos de los que miles de peruanos dependen. 'Estudios muestran que cuando las represas son construidas, el 90% de los peces desaparecen. El tronco principal del río morirá', dice Serra Vega (HILL, Mongobay.com, Abril 2015).

La represa significará la regulación artificial de los caudales naturales aguas abajo del embalse. Las condiciones de operación del Proyecto implicarán variaciones diarias (por horas) de la cantidad de agua que será liberada por la represa dependiendo de sus necesidades energéticas. Estos cambios diarios podrían significar aún una menor estabilidad de los hábitat acuáticos y en la calidad del agua. (AMEC, 2011, p. 118).

En términos pesqueros, el área del río Marañón entre la presa y la confluencia con el río Chamaya presentaría una reducción del stock disponible para uso humano. (AMEC, 2011, p. 125).

La etapa de construcción establece el desvío de aguas por un túnel de 760m de largo para permitir la edificación de la represa, esto necesariamente causará que pierdan los hábitats acuáticos que queden secos entre ambos extremos de esta estructura en un tramo de río aproximado de un kilómetro, de forma irreversible. (AMEC, 2011, p. 115).

Un reporte del 2014 hecho por la ONG con base en Estados Unidos, International Rivers (IR) está de acuerdo de que los planes ponen en riesgo el futuro del río Marañón. IR usó la escasa información disponible sobre las represas propuestas para mapear las áreas que potencialmente serían inundadas. Ellos concluyen que los reservorios creados por las represas podrían inundar aproximadamente 7,000 Kilómetros cuadrados (2,703 millas cuadradas) a lo largo del 80% del tronco principal del río. "El actual y vibrante flujo libre del río podría ser ahogado casi por completo", dice el reporte. (HILL, Mongobay.com, Abril 2015).

3.2. Características físicas

El caudal promedio del río Marañón es de aproximadamente de 507m³/seg. Siendo su caudal máximo el de 2,722 m³/s en el mes de marzo y

el caudal mínimo promedio mensual de 109 m³/s durante agosto. Alrededor de la zona de embalse donde se desarrollaría el proyecto, para represar este causal se plantea la construcción de un muro de 175 metros de altura represando un área aproximada de 3250 hectáreas del bosque tropical estacionalmente seco de esta sección de la cuenca (1,960 hm³ de acuerdo al EIA).

Luego de los cinco años previstos para la construcción de la obra el caudal posterior al embalse pasaría a reducirse a apenas 70m³/segundo (Durante el periodo de llenado), es decir apenas el 15.5% del caudal original del río seguiría fluyendo aguas abajo de manera constante.

La proyección de generación de energía eléctrica del proyecto se calcula en 3,800 Gwh/ igualmente de acuerdo a los cálculos del EIA hecho por AMEC.

3.3 Inversión

Para el desarrollo del proyecto la empresa planea invertir 819 millones de dólares y de acuerdo al Estudio de Impacto ambiental de la consultora AMEC durante la construcción se contrataría a 2,600 personas, de los cuales 600 trabajadores serían indirectos y 2,080¹⁵ personas directamente contratadas en el período de máxima dotación. De estos apenas 1042 serían obreros calificados y 560 no calificados, sin embargo para la fase de operación del proyecto que está considerada en 40 años, apenas necesitaría contratar 24 obreros calificados y 12 no calificados (AMEC, 2011, Pág 136), es decir apenas un 4% del personal requerido durante la realización de la obra

Como se ha dicho anteriormente, la vida útil de la obra está promediada en 35 años con la esperanza de que se pueda extender

¹⁵ En el tríptico publicitario de la empresa “Chadín 2 – La energía nos trae el Progreso” se hablan de más de 3200 y 3000 de ellos como contrataciones directas

dependiendo de las condiciones, una vez concluida la vida útil el periodo de cierre de la obra es de un año adicional.

AC energía tiene planificada el inicio de la construcción de la central hidroeléctrica de Chadín 2 durante el año 2016 habiéndolo ya postergado de su fecha planificada originalmente y se tiene previsto que culminará las obras el 2020. Representaría una inversión de 2023 millones de dólares, incluyendo una línea de transmisión de 85 km con dirección a Cajamarca.

Hay que mencionar que luego de la fecha de cierre de la recolección de datos para esta investigación la empresa ha suspendido temporalmente las obras y movimientos alrededor de la zona de impacto directo por lo que es altamente probable que se generen considerables retrasos en los plazos comprometidos inicialmente.

Cuadro 1 – Registro de derechos otorgados – MINEM 2015

Concesiones definitivas de generación

Proyectos

Nº	Central Hidroeléctrica	Titular de la Concesión	Potencia Instalada (MW)	Ubicación	Inversión ⁽²⁾ (millones US\$)	Resolución Suprema ⁽³⁾	Fecha de Inicio de Obras ⁽²⁾	Fecha de Puesta en Servicio ⁽²⁾
10	CH MARAÑÓN	HIDROELÉCTRICA MARAÑÓN S.R.L.	96,0	HUÁNUCO	78	078-2011-EM (2011.07.27)	2012.07.15	2016.12.16 ⁽⁴⁾
18	CH VERACRUZ	COMPAÑÍA ENERGÉTICA VERACRUZ S.A.C.	730,0	AMAZONAS Y CAJAMARCA	1 443,76	076-2014-EM (2014.11.05)	2017.06.19	2022.01.09
19	CH CHADÍN 2	IAC ENERGÍA S.A.	600,0	AMAZONAS Y CAJAMARCA	2 023,0	073-2014-EM (2014.10.28)	2016.03.28	2023.11.20

Fuente: web MINEM¹⁶

¹⁶http://www.minem.gob.pe/minem/archivos/file/Electricidad/concesiones%20electricas/C DG-PROYECTOS%20al%20%2011_03_2015.pdf

3.4. Territorio en impacto

La zona de impacto de la represa de Chadín 2 está caracterizada como ecosistema de Bosque Tropical Estacionalmente Seco (BTES) y en la ecorregión Bosque Seco Ecuatorial (BSE) teniendo características especiales así como cuenta con una gran cantidad de endemismos con riesgo inminente de desaparición

El proyecto generaría la deforestación de 12,000 ha de este bosque tropical estacionalmente seco (SERRA, 2014), al mismo tiempo se inundarían alrededor de 19 sitios arqueológicos identificados en terrazas altas y en la confluencia de los ríos. Respecto a los sitios arqueológicos el EIA dice que se tomarán una serie de medidas para salvaguardarlos pero no hay un presupuesto previsto al respecto (SERRA, 2014).

Así mismo, dentro de la zona directamente afectada se han registrado que habitan 983 personas ubicadas en 21 unidades poblacionales (El Inca, El Mango, El Paraíso, Santa rosa, Montegrande, Salazar, Nuevo Rioja, El Cura, Saquilillo, Tupén, San Lucas Chico, San Lucas Grande, Nueva Arica, Choropampa [Amazonas], Choropampa [Cajamarca], La Mushca, Mapish, San Francisco, Libián, Tupén y Mendán), en el EIA se contabilizan un total de 221 hogares que tendrían que ser desplazados, Las familias de toda esta zona de la cuenca trabajan fundamentalmente de la tierra, y producen en pequeñas parcelas de tierra papaya, plátano, coco, naranjas, limón, mango, ciruela y coca, así como otros productos, la mayoría de ellos para el autoconsumo llevando el excedente a través de mula algunos fines de semana para su venta en las pequeñas ciudades más cercanas o a algunos intermediarios en otras localidades.

Prácticamente todos los habitantes se desplazan a pie o por burro, mula, denominada comúnmente acémila y también en caballo dada la carencia de carreteras hasta la zona y por lo profundamente accidentado del terreno que puede implicar que el paso de un pueblo a otro tome todo un día y plantee un trámite que atravesase desde los 700 metros de altura sobre el

nivel del mar hasta los 3800 y atravesando continuamente el río en las oroyas, cruces y huaros resguardado por individuos que suelen cobrar cantidades simbólicas por su uso.

Para el desarrollo del EIA se hicieron 6 talleres 4 en Celendín y 2 en Chachapoyas en los distritos de Cortegana y Chumuch en el caso del primero y Balsas en el segundo entre el 21 de marzo y el 13 de junio del 2011

3.5. Efectos sobre el clima local y el suelo

El agua es un termorregulador por lo que toda represa al almacenar ingentes cantidades de este elemento concentra calor y eleva el promedio histórico de temperatura en la zona del cinturón de la represa.

De igual modo, al absorber calor en una mayor área de espejo de agua, aumenta la tasa de evaporación, que eleva el nivel de humedad del aire en la cuenca (AMEC, 2011, Pág 22).

El EIA no aporta ningún cálculo de las emisiones de Gases de Efecto Invernadero – GEI (metano y CO₂). El estudio asume que su efecto sobre el medio ambiente es insignificante, aunque se ve obligado a reconocer que un proyecto de este tipo causa las siguientes emisiones de GEI (AMEC, 2011, 24) :

- a.** Descomposición de la biomasa. (el embalse tiene 64km). Considera que la vegetación es limitada por ser Bosque Seco y que se podría retirar, aunque no especifica si realmente se va a realizar un proceso de desbosque o talado de la biomasa en la zona previa o durante la construcción del embalse.
- b.** Producción interna de biomasa, porque genera las condiciones adecuadas para el aumento del crecimiento de algas.
- c.** Emisiones desde turbinas, maquinaria y vehículos.

De acuerdo a la ONG AIDA¹⁷ las emisiones de gases de efecto invernadero - GEI producidas por las centrales hidroeléctricas son comparables con las de la industria aeronáutica mundial y representarían alrededor del 4% del total suspendido en la atmósfera, lo que hace de este tipo de infraestructuras como una de las más contaminantes.

El Estudio de Impacto Ambiental manifiesta que las condiciones de estabilidad química del suelo al ser inundado pueden variar, pues al convertirse en lecho del embalse, se enfrenta a condiciones anóxicas, es decir, tiene gran pérdida de oxígeno y se acidifica el medio. Esto provoca que se liberen metales y otros tóxicos en los estratos bajos. Aún así, no considera significativo el cambio y no propone acciones de mitigación ni durante la etapa de operación ni la de cierre (AMEC, 2011, p 43).

3.6. Beneficios:

Los argumentos centrales del gobierno y de la empresa para promover la construcción de las centrales hidroeléctricas en nuestro territorio es el aprovechamiento del potencial de explotación de los ríos en la generación de energía de tal manera que podamos disponer de ella para su abastecimiento en el desarrollo del norte con los 3,800 GWh por año que se produciría.

Así mismo se habla de la inyección en cinco años de \$2023 millones de dólares en la economía nacional a raíz de la inversión durante la construcción que duraría ese periodo de tiempo, sin embargo es el empleo de entre 2000 y 3000 personas (las cifras varían en diferentes documentos) la que es el elemento de mayor difusión y que lo hace aceptable entre algunos sectores de la población.

A ello se sumaría, cuando comience a operar la central, ingresos para el gobierno consistentes en el 18% del impuesto general a las ventas (IGV), el 30% del impuesto a la renta y el aporte a un fondo del Ministerio de

¹⁷http://www.aida-americas.org/es/represasNOenergialimpia?utm_content=buffere7e41&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer

Trabajo de un porcentaje de las bonificaciones por beneficios que debe recibir el personal. La mitad del impuesto a la renta es el canon hidroenergético que debe ir a las regiones Amazonas y Cajamarca en proporciones iguales (SERRA, 2014, pág 09).

4. Las voces de las organizaciones sociales

El Perú tiene un muy antiguo tejido social que se presenta en diferentes formas a través de todo lo ancho y largo del territorio nacional, ya sea a manera de organizaciones locales, comunitarias, redes nacionales, frentes de defensa, partidos políticos, gremios, sindicatos, clubes departamentales, comedores populares, y grupos juveniles, entre otros, todos ellos muy golpeados en las últimas décadas de violencia interna y neoliberalismo.

Cajamarca no es la excepción, y aunque es conocida por ser una región históricamente pacífica, agraria y altamente productiva, la gente también la familiariza con la minería y las grandes actividades extractivas, además de ser donde se aloja Yanacocha, la minera de oro más grande de América Latina así como una serie de grandes, medianas y pequeñas minas, fundamentalmente de oro, plata y cobre.

Los últimos 30 años de minería han sido particularmente dolorosos para Cajamarca ya que han visto el desarrollo y auge de la minería a tajo abierto y la mayor contaminación que se ha generado en el ambiente cajamarquino dejando como saldo, hoy, más de un millar de pasivos mineros en todo su territorio que impide la producción y contamina los productos que se generan por los agricultores.

Hoy los principales procesos de resistencia en la región son frente a la minería, pero así como esta, los campesinos y en general, toda la población empieza a darse cuenta de las relaciones que tiene esta actividad con muchas otras, como la construcción de carreteras, y plantas de energía.

Celendín es una de las 13 provincias de Cajamarca con una población de 89,005 personas de acuerdo al censo del INEI del 2005 con una densidad demográfica de 33.48 hab/Km². La capital de provincia tiene el mismo nombre y es una ciudad muy pequeña de fuerte presencia ganadera y

campesina, no muy comercial salvo en productos campesinos, los pueblos a su alrededor están alejadas unas de otras y las zonas son de difícil acceso.

En la zona misma de la cuenca, donde se construiría Chadín 2 los productores no tienen rutas salvo las de mula para sacar sus productos y riegan sus sembríos por canales. Prácticamente no existe el riego tecnificado.

La organización principal es la Ronda Campesina, organización de base nacida durante la década de los años 70 para combatir el robo de ganado (abigeato) que tiene su característica principal en nacer luego y como producto de la Reforma Agraria desde la base misma del campesinado con derechos ciudadanos y propiedad comunitaria o individual reconocida por el Estado. Es decir, aparece luego de la desaparición de la hacienda y además de evitar el robo se constituye como autodefensa y autoridad reconocida para implementar justicia comunitaria.

Luego se encuentra la Plataforma Interinstitucional Celendína – PIC que es un espacio que aglutina a diferentes organizaciones del campo y la ciudad de celendín donde se encuentra representado el Sindicato de profesores, productores y gremios, esta plataforma ha trabajado bajo la figura del “frente de defensa”, es decir para atender demandas de la población que ven afectados sus intereses por alguna gran inversión, principalmente minera, ellos se reúnen en asamblea o bajo convocatoria simple de sus delegados y toman decisiones en base a urgencias del contexto o su agenda de lucha.

En la zona del Marañón no hay presencia del Estado, Las rondas campesina reemplazan la presencia del Estado en la cuenca desarrollando funciones educativas y judiciales.

Existe una relación social y política entre el gobierno regional y las rondas campesinas. Las últimas elecciones regionales del 5 de octubre del 2015, fueron particularmente difíciles contra la reelección del líder popular y campesino Gregorio Santos ya que el gran capital se amparaba en candidatos como García Ramírez que representaba a Fuerza Popular, el

partido de la familia del ex dictador Fujimori y Absalón Vásquez también relacionado a la dictadura y a la extrema derecha. De todos los candidatos sólo Gregorio Santos estaba abiertamente en contra del proyecto minero Conga y el ganó ampliamente a pesar de encontrarse inconstitucionalmente encarcelado por una investigación pendiente por casos de malos manejos económicos aún no probados hasta el cierre de esta investigación.¹⁸

Como se diría para el caso brasilero, también es aplicado al peruano: O que se verifica é que o interesse privado é travestido como interesse nacional, com primazia para o setor mineral (ACSELRAD Henri, WAGNER DE ALMEIDA Alfredo, BERMANN Celio y otros. 2012 Pág. 172)

Para este estudio, se entrevistó a los principales líderes campesinos y del pueblo de Celendín, así como líderes de organizaciones de pobladores afectados, hombres y mujeres, funcionarios y concejales del gobierno regional, además de investigadores y activistas relacionados con la lucha en resistencia del proyecto.

La entrevista pretendía identificar de qué manera impacta un proyecto de construcción de central hidroeléctrica como la de Chadín 2 antes de su construcción, es decir, intentar entender cómo se presentan “los impactos, antes de los impactos” para entender cuál es el Modus Operandi de la empresa en la zona, las formas que adopta, las estrategias que desenvuelve, los aliados que construye y la forma en que cambian las relaciones sociales en la comunidad desde su llegada. Es importante recordar en este contexto que la comunidad de Celendín nunca antes de la presencia del Proyecto de Chadín 2 había conocido un proyecto de Central Hidroeléctrica por lo que el proceso de construcción del entendimiento pleno sobre los posibles impactos ha sido lento y parcial.

A continuación una síntesis de las voces de los Cajamarquinos en relación con aspectos diferentes de la vida de la comunidad y las modificaciones que han existido en esta desde la llegada del proyecto:

¹⁸ Entrevista realizada a Romina Rivera Bravo. Noviembre 2014

4.1 Medios de comunicación

La empresa A.C. Energía, creada por Odebrecht exclusivamente para hacerse cargo de la Construcción y generación de la energía de la Central Hidroeléctrica Chadín 2 desde el inicio de sus operaciones ha tenido una fuerte presencia en medios de comunicación de todos los tipos, publicitando las bondades de la construcción y la generación de energía eléctrica, diseñando distintas campañas para cada uno de sus objetivos. Sin embargo en la medida en que fueron apareciendo las organizaciones que tomaban posición sobre el proyecto e iniciaban procesos de debate con la población, las propagandas empezaron a tener versiones hostiles contra aquellos que “no quieren el desarrollo” o “los enemigos del progreso” en el que la empresa advierte sobre su presencia y el intento de confusión que pretenden estos grupos “radicales”¹⁹.

La percepción de los dirigentes es que no solamente los medios de comunicación se benefician con la continua publicidad de AC. Energía y aceptan su dinero para no pasar mala publicidad sobre la empresa, sino que además sus dueños y principales periodistas suelen tomar posición y obstaculizar las denuncias y pronunciamientos que desean hacer las organizaciones sociales que se encuentran organizadas alrededor de la defensa de la cuenca de tal forma que la información suele llegar a la población de forma sesgada y aleja a las organizaciones involucradas de la masa de la población²⁰.

En ese sentido los medios de comunicación terminan teniendo una actitud contradictoria ya que por un lado suelen dar espacio a las voces que son levantadas en las protestas frente al proyecto minero Conga mientras que la posición frente a Odebrecht suele ser explícitamente a favor.

Esto lo entienden porque a diferencia de la primera, en la que la población tiene experiencias vividas en décadas de malos manejos

¹⁹ Entrevista a Romina Rivera Bravo. Forum Solidaridad Perú . Lima. Noviembre 2014

²⁰ Entrevista a Beatriz Rocha Viuda de Quiroz . Dirigente de la organización “Mujeres por el Buen Vivir”. Cajamarca. Febrero 2015

ambientales de la actividad extractiva minera, en el segundo caso muy pocas personas entienden a plenitud la envergadura, dimensiones e impactos de la construcción de infraestructura hidroeléctrica en la cuenca del Marañón; esto además es potenciado por el muy difícil acceso a la zona de embalse, que se encuentra a varias horas a lomo de mula de la comunidad campesina más próxima y no muchas personas la conocen directamente.

En ese sentido las organizaciones sienten que su trabajo de comunicación debe ser a través de sus propias estructuras, eventos, publicaciones y coordinaciones procurando espacios en las radios y la televisión en la medida que estas se los permiten.

En el caso particular de NOR-ANDINA, la empresa de telecomunicaciones pone condiciones y eleva los costos para transmitir comunicados cuando las organizaciones desean denunciarse en contra de la empresa. Y de manera explícita le ha expresado su apoyo a la empresa.

Cuadro 2 - Medios de Comunicación mas importantes de Celendín

1	Televisión Local	Canal 33
2		Canal 21
1	Radio Local	Radio Celendín
2		Radio Norandina
3		Radio Continental

Además de ellas existe una radio comunitaria llamada Radio – Pirata que solamente funciona y transmite en la ciudad de Celendín y sus alrededores inmediatos y en la cual se cuenta con espacios para las organizaciones del campo y la ciudad, sin embargo su alcance es bastante limitado y la señal suele tener problemas técnicos así como es cerrado continuamente por la policía, por lo que al momento del cierre de esta investigación no se conoce su condición.

IMAGEN 01 - Publicidad de la Empresa



Fuente: AC Energía

4.2 Relaciones interinstitucionales

Así mismo, la empresa tiene relaciones difusas con una amplia serie de organizaciones e instituciones locales a partir de actividades concretas como financiamiento de mayordomazgos a fiestas patronales; una de ellas fue la de San Isidro Obrador en donde durante el periodo de búsqueda de la licencia social participó comprando los juegos pirotécnicos para la fiesta popular. Estas fiestas de carácter sincrético entre el catolicismo y las creencias ancestrales son de profunda importancia en la población ya que son los momentos de encuentro, fiesta y distensión en las que las principales

tradiciones de solidaridad se reviven alrededor de elementos gastronómicos, lúdicos, religiosos, familiares y locales, todos ellos vinculados con la tierra²¹. Y aunque no existe un sponsor o auspiciador oficial la empresa establece su presencia en la zona a través de regalos.

La empresa tiene su oficina temporal en el segundo piso de Hotel Villa Madrid en la provincia de Celendín, a escasos metros de la plaza de armas de la ciudad y aunque se presenta de manera provisoria esta ha tenido un fuerte vínculo con municipios como el de Celendín, Cortegana y Chumuch en la gestión municipal anterior 2011-2014, así como tiene vínculos con la policía que según lo señalado por varios entrevistados terminan siendo un brazo de seguridad de la empresa que incluso son trasladados y pagados por la ella²² estos últimos datos no se han podido corroborar con documentación.

Los días sábado 12 y domingo 13 de setiembre de 2015, en el anexo de Huanabamba (distrito de Chuquibamba, provincia de Chachapoyas, departamento de Amazonas) y en el distrito de Utco (provincia de Celendín, departamento de Cajamarca), se realizaron estas reuniones trasladando personal de otros lugares haciéndolos pasar como propietarios de los terrenos que serían afectados por este proyecto e impidiendo el ingreso de los verdaderos dueños que, en su mayoría, se oponen al represamiento del río Marañón.

Para realizar las audiencias lo primero que hizo la empresa fue cercar, con grandes alambradas, los locales en donde se iban a realizar estos eventos. De manera tal que el colegio 18027, de Huanabamba, fue convertido en una verdadera cárcel y el colegio 82431 de El Utco era una especie de fortín armado de policías y delincuentes pagados por la Odebrecht.

Igualmente, según entrevista a Isabel Aguilar Guevara, propietaria de Tulpa, en declaraciones en las puertas de la audiencia pública sobre la hidroeléctrica Río Grande I no se le permitió ingresar al

²¹ Entrevista a Jorge Chavez Ortiz y a Milton Sanchez. Miembro de la Plataforma Interinstitucional Celendina. Cajamarca Agosto 2014

²² Entrevista a Esther Socorro Quiroz. Asociación por la defensa de la vida y el medio ambiente. Cajamarca . Agosto 2014

recinto y declara la presencia de gente “traídos de fuera” y no dejan entrar a los directamente afectados.²³

A Continuación se muestran una serie de fotografías tomadas durante una de las audiencias públicas de la Empresa para la obra de Chadín 2 y las últimas audiencias que se han venido dando para el proyecto de Central Hidroeléctrica de Río Grande. Que también será gestionado por Odebrecht.

IMAGEN 02 - Protesta: la Audiencia Pública de Chumuch



Fuente Forum Solidaridad Perú

²³

Declaración de Isabel aguilar Guevara registrada en video:
https://www.youtube.com/watch?time_continue=42&v=xo4JQNUO1Pw

IMAGEN 03 - Audiencia Pública de Cortegana



Fuente Forum Solidaridad Perú

IMAGEN 04 - Pobladora agredida por la policía al desear ingresar a la audiencia pública



. Fuente Forum Solidaridad Perú

IMAGEN 05 - Audiencia Publica para la Central Hidroeléctrica Rio Grande



. Fuente Forum Solidaridad Perú

IMAGEN 06 - Audiencia Publica para la Central Hidroeléctrica Rio Grande



. Fuente Forum Solidaridad Perú

IMAGEN 07 - Policía resguardando al representante de Odebrecht Durante Audiencia Pública de Chadín 2 en Chumuch.



Fuente: Forum Solidaridad Perú

IMAGEN 08 - Casa Comunal en el Centro Poblado Yagén.



Fuente: Forum Solidaridad Perú

Se puede comprobar la fuerte presencia policial que impide a “ciertas personas” especialmente los ronderos y dirigentes no invitados o traídos hasta el lugar directamente por la empresa poder entrar al centro. En una de estas fotos se puede apreciar como desde el interior, personal de Odebrecht registra a los ronderos con fotografías.

La militarización del “diálogo” y la restricción del acceso a los líderes opositores o incluso a los propietarios directamente impactados es sistemática y con el transporte, alimentación y utilización del personal policial como resguardo privado para las acciones e intereses de la empresa.

Aquí la empresa llega a instalar la lógica de enclave en una zona de difícil acceso, sabiéndose conocida por la población obtiene seguridad contra la ella directamente de la policía. Podría decirse que el poder real de la empresa existe en la medida en que puede imponer sus condiciones para el diálogo y puede determinar con quienes dialogar. La lógica de enclave está en construcción en la medida en que despliega su poder y las relaciones de alianza con los diferentes actores.

Y si bien es cierto el Estado no tiene gran presencia en Celendín más allá de los centros escolares, el centro de salud y algunos programas sociales del Estado, es quizá el municipio y la Policía Nacional del Perú – PNP las de mayor presencia en la vida de las comunidades. Frente a estas dos últimas la empresa ejerce una gran influencia, que se puede resumir en las palabras de la Señora Beatriz cuando nos cuenta el siguiente caso:

“Ha habido una violación sexual , abajo en el valle del Marañón, por sujetos, a una doctora, y no hay justicia, no pasa nada, pero por ejemplo intervinieron a los representantes de la mina por entrar a sus comunidades sin permiso, inmediatamente se desplazaron como 80 policías, entonces la justicia está para la empresa. Hay compañeros enjuiciados por secuestro”²⁴

Además de esta presencia y relación con las “fuerzas del orden” existen una serie de otras formas de construcción de poder y el

²⁴ Entrevista a Beatriz Rocha Viuda de Quiroz . Dirigente de la organización “Mujeres por el Buen Vivir” Cajamarca. Febrero 2015

establecimiento de vínculos legitimadores por parte de la empresa, especialmente por vínculos no represivos, como es la construcción de vínculos de fraternidad con poblaciones participando en actividades públicas de cohesión social como patrocinador, con el objetivo de que el pueblo escuche y vea que “Gracias a Odebrecht ha sido posible esta actividad”.

Alrededor de las fiestas comunitarias y eventos históricos, los entrevistados mencionaron que se conoce incluso de “fiestas de promoción” como son conocidas en el país las fiestas que se celebran al fin de la educación secundaria a las cuales la empresa “apadrina” pagando los costos que estas implican, dando regalos a los jóvenes y otros gastos en este contexto.

Así también la empresa establece relaciones con asociaciones de “mototaxistas” (conductores de mototaxis) y con ellos desarrollan capacitaciones en conducción y formalización de su situación como transportistas de esa forma la Responsabilidad Social Empresarial es un instrumento de proyección publicitaria de la empresa para legitimarse frente a los elementos claves de la vida de la comunidad²⁵.

Y aunque estas actividades pueden parecer menores, la llegada de la empresa desarrollo no solamente los intereses de actividades normalmente humildes sino que la empresa, al ser constructora, también apoya a municipalidades “donando” cemento o “facilitando” obras de asfaltado dentro de la misma ciudad de Celendín o distritos aliados. Sin embargo estas alianzas suelen ser complejas, ya que al tener tan presente conflictos como el del proyecto minero Conga es preferible para la convivencia armónica con la empresa no plantear el tema dentro del contexto electoral, por lo que en la mayoría de las veces se puede escuchar a los candidatos así como a las autoridades ya electas tomar posición sobre la mina, pero esquivan, omiten o simplemente no plantean la discusión sobre el proyecto hidroeléctrico. Aun así tanto por las obras de la mano con la empresa como por su presencia cercana con los gobiernos locales se sabe que en distritos como Cortegana la gestión municipal actual apoya a la empresa mientras que Chumuch, que

²⁵ Ibidem

es un caso emblemático, se mantiene en resistencia, fundamentalmente por la gran presencia de las Rondas Campesinas que obligan al municipio a asumir una posición clara al respecto²⁶.

4.3. Información

Desde su llegada la empresa ha planteado la necesidad del proyecto para brindar energía a “los peruanos” sin embargo la población no tiene hasta el día de hoy conocimiento pleno y detallado de los planes de Odebrecht en diferentes puntos de la cuenca del Marañón para represar repetidas veces el río y jamás se hablan de los impactos que esto podría causar o las formas de mitigarlas, por lo que, a pesar de que alrededor del proyecto Chadín 2 se ha desarrollado una campaña popular para entender los posibles impactos, los proyectos reales de la empresa se desconocen, y más bien se van descubriendo que proyectos como Veracruz y Río Grande 1 y Río Grande 2, constituirán con Chadín un gran proyecto de centrales hidroeléctricas de gran envergadura en cascada en el futuro inmediato. El secreto alrededor de otros posibles proyectos y sus vínculos con las necesidades de actividades extractivas contribuye a la indignación de los dirigentes.

A pesar del sesgo de la información y el sigilo de la actuación de la empresa, es conocido entre la población que AC. Energía pertenece a Odebrecht y que estos son capitales brasileros que vienen a ser invertidos en la localidad.²⁷

Es evidente el intento de la construcción de un enclave que permitirá a la zona minera de cajamarca ampliar su capacidad extractiva de minerales. La lógica imperialista del gran capital no necesariamente empatan con la presencia de los capitales brasileros, en el sentido de que el capital en la zona parece haber ubicado en el potencial de generación de energía el

²⁶ Entrevista con Milton Sanchez . Coordinador de la Plataforma Interinstitucional Celendina . Cajamarca Agosto 2014

²⁷ Entrevista con Marino Yacopaico. Presidente del Frente de Defensa del Marañón. Cajamarca . Agosto 2014

objetivo de su presencia y el deseo de construcción de las centrales hidroeléctricas. Lo importante no parece ser la construcción o diseño de la ruta para la interconexión eléctrica con el Brasil, que sería en un futuro por el Sur del país a través de Inambari, sino la expansión de una oportunidad de inversión en un tipo de infraestructura necesaria. En otras palabras, hay dos escenarios claramente definidos, por un lado, ir consolidando y aumentando el potencial instalado de generación eléctrica en territorio peruano para una eventual venta de energía a territorio brasilero, pero como eso es poco probable en el corto plazo se recurre a un segundo escenario en el que se busca ampliar la oferta de energía para los grandes consumidores que se encuentran hoy en Perú en los sectores extractivos.

IMAGEN 09 - Mujeres esperando la asamblea comunal



Fuente: Rocky Contos

En ese sentido y por toda la información que no logra salir a la luz, las rondas campesinas se han mantenido alertas a las audiencias públicas que la empresa está forzada a hacer para culminar el Estudio de Impacto Ambiental y han intentado participar en ellas, sin embargo, tanto el fuerte resguardo de la policía, como la decisión de la empresa les ha impedido participar abiertamente y en algunos casos como el de la Audiencia en Chumuch y Cortegana, se les ha reprimido fuertemente, incluso con la presencia del Ministerio Público durante las audiencias, dando como resultados procesos judiciales para los dirigentes campesinos, donde se presentan cargos, que van desde promover la violencia hasta el secuestro²⁸. Este último en función de la detención de funcionarios que deseaban ingresar sin permiso a una zona de la cuenca.

El enclave muestra aquí su cara local, dura, implacable en cerrarle el paso y callar la voz de sus enemigos y amigable y caritativo con aquellos que están a disposición de defenderlos frente a su propio pueblo.

IMAGEN 10 - Pobladora de la cuenca del marañón



Fuente: Luis Herrera

²⁸ Comunicaciones personales con Fabian Simeón. Lima. Mayo 2014

Además de los hechos antes mencionados, la organización Forum Solidaridad Perú ha registrado en entrevistas y conversaciones con los asistentes a las audiencias la convocatoria pagada a las audiencias públicas (con pagos de s/. 20) a manera de “reconocimiento” a personas ajenas y a los que no deseaban ir se les amenazaba con quitarles el programa social “Juntos”²⁹ siendo en la mayoría de las veces personas que vivían lejos de la zona directa e indirectamente afectada y que desconocían el motivo de la necesidad de su presencia en el evento³⁰.

De acuerdo a las declaraciones de nuestra entrevistada, para impedir que la población afectada pueda cruzar el río y llegar a una de las audiencias los pobladores informaron que la policía cortó la oroya que los transportan cotidianamente y hace las veces de puente entre un extremo y otro del Marañón.³¹

Así mismo se habla de hostigamiento y persecución, así como la formación de organizaciones que se crean para generar paralelismo entre la población y romper la unidad de las comunidades frente a la empresa:

Funcionarios de la empresa amedrentaron a pobladores amenazándolos en la zona de San Lucas, La formación de la Asociación de Propietarios del Marañón que tiene una postura muy a favor de la empresa que hablan desde el principio de vender sus terrenos.³²

Sin embargo, a pesar de que los elementos regionales cercanos a la empresa se encuentran estrechamente ligados entre sí y con una visión a favor de la lógica del enclave que ella les pretende aportar. Es importante entender que el Estado no es monolítico ni impermeable a la problemática real de las zonas directamente afectadas y existen algunos funcionarios que desarrollan roles críticos, en particular desde el gobierno regional de Cajamarca e incluso desde el Estado central y sus ministerios que pretenden

²⁹ Programa social focalizado a la extrema pobreza que consiste en un bono de 100 soles a las mujeres gestantes o con niños de 0 a 5 años

³⁰ Entrevista a Romina Rivera Bravo. Forum Solidaridad Perú. Lima. Noviembre 2014

³¹ Ibidem

³² Ibidem

imprimir un rol proactivo al dialogo multisectorial y aunque el dialogo se suela hacer con la hipótesis apriorística de que no hay la posibilidad de que las poblaciones digan que no o peor aún, que los procesos de diálogo inician luego ya de la explosión del proceso de conflicto, también es importante tomar en cuenta voces como las que dicen desde dentro del Estado que:

El Estado debe cambiar de la visión sectorial a la territorial, que incluye a la vez a la gente, al ambiente y a los recursos en una sola visión, como la tienen los pueblos indígenas”, afirma Gustavo Suárez de Freitas, coordinador del Programa de Conservación de Bosques para la Mitigación del Cambio Climático del Ministerio del Ambiente de Perú. Y añade que “Para que no haya conflicto entre los diferentes usos del territorio, tienen que estar claros los mecanismos de articulación entre sectores públicos sobre el otorgamiento de derechos”. Suárez de Freitas reconoció, además, que Perú aún no cuenta con una ley para “otorgar derechos de manera ordenada. (Fowks, Elpais.com, noviembre 5º, 2014).

Así mismo, existen concejales como Walter Castañeda, representante de Celendín ante el Gobierno Regional de Cajamarca que pone enfáticamente su voz contra la construcción de la Central Hidroeléctrica en la cuenca del Marañón.

IMAGEN 11 - Walter Castañeda en mitin

junto con ronderos y miembros de la Plataforma Interinstitucional Celendina apoyando el pedido de la comunidad de detener la construcción de la Central Hidroeléctrica Chadín 2

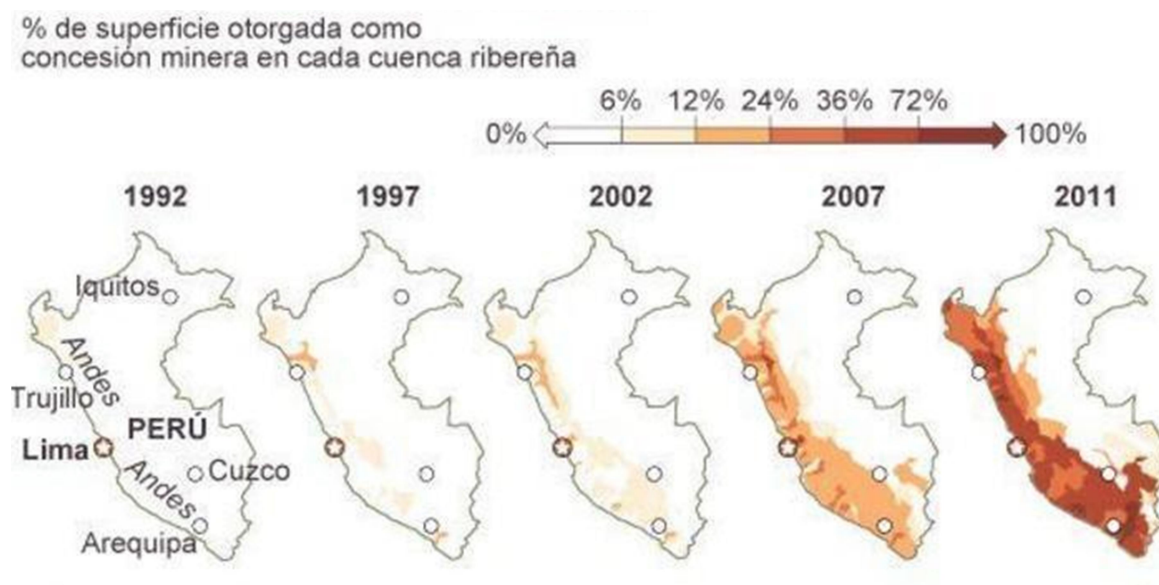


. Fuente: Gobierno Regional de Cajamarca.

4.4. La minería y energía

En el Perú la extracción minera representa hoy alrededor 50% de las divisas, el 20% de la recaudación fiscal y el 11% del Producto Bruto Interno (DIARIO EL COMERCIO. 15/06/2015) y durante los últimos años a determinado el ritmo de crecimiento de nuestra economía a pasos agigantados, lo que ha implicado al mismo tiempo la promoción y expansión de esta actividad a todo lo ancho y largo del país permitiendo que su crecimiento desmedido ocupe alrededor del 20% de la superficie total del país.

CUADRO 03 – Extensión de las concesiones mineras



Fuente: Anthony Bebbington

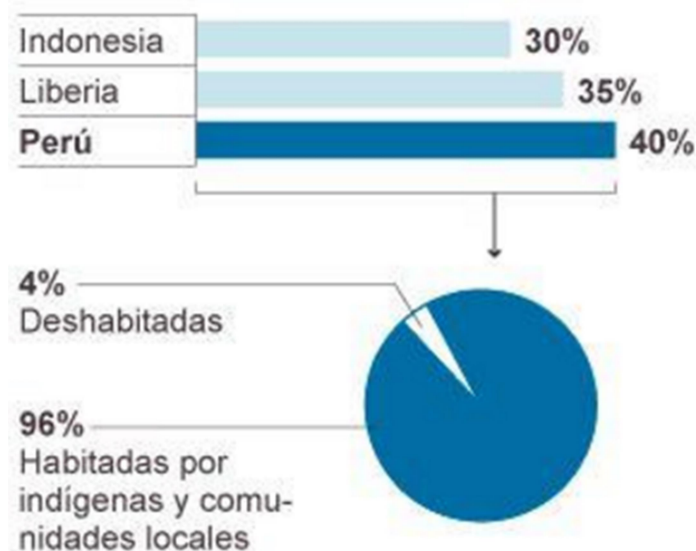
El gráfico anterior nos permite observar cómo es que desde la dictadura que inició en 1992, pero en particular en el actual periodo de democracia neoliberal que se inició en el 2000 se han promovido como nunca antes la expansión de la minería en todo el país, aunque a pesar de que parece ser mayor en el sur, en el norte y particularmente en Cajamarca se

encuentran las minas más importantes de oro del país así como la mayor cantidad de pasivos mineros contaminantes dejados por esta actividad.

Aunque esta tendencia de ocupación e internacionalización de tierras por parte del gran capital se da en todo el planeta, por su localización geográfica y su riqueza mineral, el país ocupa un lugar importante en la intervención del gran capital en sus tierras. Esto explicado, como ya lo mencionamos líneas arriba, por la especulación del precio de las materias primas en lo que va de los últimos años.

CUADRO 4 – Superficie ocupada

Tierra del país explotada para minería, gas, petróleo, tala y agricultura



Fuente: Iniciativa para los Derechos Humanos

Y aunque la minería se plantea fragmentada en todo el territorio nacional, y en donde no es posible desarrollarla a gran escala se imprime la alternativa de la minería ilegal normalmente fluvial aunque esta arrasa con enormes zonas de bosque, como se puede visualizar en el Departamento de Madre de Dios. Sin embargo, a pesar de este boom de años recientes, Cajamarca es una Región peruana que históricamente ha tenido múltiples relaciones conflictivas con la minería desde el inicio mismo de la colonia. Ya sea porque las injusticias alrededor de su explotación sobrepasan los límites

de la tolerancia cajamarquina, o ya sea porque se logra conformar en mucho tiempo un movimiento que logra establecer la conciencia histórica y los males futuros que pueda acarrear el problema de nuevos yacimientos mineros cerca de las zonas pobladas en el campo o en sus cabeceras de cuencas.

Todos los dirigentes entrevistados estuvieron de acuerdo en que hay suficientes elementos de juicio para tener la seguridad de que la Central Hidroeléctrica de Chadín 2 se pretende construir para abastecer de energía a la futura instalación del Proyecto Minero Conga así como la serie de proyectos cercanos a este que también pretenden extraer minerales de Celendín, por lo que incluso dentro de la campaña de información popular que desarrollan las organizaciones, ellas se movilizan bajo el lema “Ni Conga, Ni Chadín” entendiendo ambas como proyectos extractivos que van a perjudicar a la población, incluso se sabe por varios dirigentes que existen funcionarios de la empresa Yanacocha (La misma que plantea el proyecto CONGA) que el día de hoy dejaron de trabajar para la empresa y ahora ocupan gerencias en AC. Energía y viceversa. Así como Odebrecht ejecuta obras para las mineras de la región desde hace bastantes años. Esto constituye otro indicio que relaciona sus intereses de manera directa³³.

Es una evidencia palpable y corroborada unánimemente por todos los entrevistados, que dentro de la provincia de Celendín y en general, en el departamento de Cajamarca, las Rondas Campesinas son la principal organización existente, reconocida constitucionalmente como la única organización con derecho a impartir justicia comunitaria, pero por las políticas de Estado que han pretendido el debilitamiento y superposición de la legislación durante los últimos años a significado que su participación terminó siendo decisiva para la defensa de los derechos de los campesinos en la cuenca como en las zonas indirectamente afectadas por este y otros proyectos pero al mismo tiempo perseguida por diferentes actores de la empresa y por el Estado. “¿Para quien es toda esa energía? ¿Para la gente,

³³ Entrevistas a Marino Yacopaico, Hitler Rojas Gonzales, Willyam Caya Rojas, Elmer Saldaña. Dirigentes de las rondas campesinas todos ellos y el primero presidente del frente de Defensa del Marañón. Cajamarca . Agosto 2014.

o para las empresas [mineras]? La respuesta es: para las compañías”, dice Milton Sánchez, de la Plataforma Interinstitucional Celendina.(HILL, 2015)

Sin embargo es clara la proyección del estado central alrededor de los intereses en la promoción de megaproyectos energéticos en el país. El ex-ministro de Energía y Minas, Eleodoro Mayorga, dijo que para atender la cartera de proyectos mineros, que asciende a aproximadamente 60,000 millones de dólares, demandarán unos 2,465 megawatios (mw) de energía (ANDINA, 2014).

Desde que inició esta investigación se ha iniciado un largo proceso de debates discusiones y toma de decisiones por parte de las comunidades afectadas, en muchas de ellas participé de manera directa, en otras como simple asistente. Luego de las asambleas, talleres, reuniones y debates públicos las comunidades fueron poco a poco estableciendo sus posturas y lanzando pronunciamientos. Así lo dice por ejemplo, Eduar Rodas Rojas, presidente de la Federación de Rondas Campesinas Unidas en Celendín contó a Mongobay.com que la gente se opone a Chadín 2 porque la cuenca agricolamente productiva del valle del Marañón podría ser inundada y el stock de pescados destruido, porque la intención es generar energía para abastecer al altamente controversial proyecto minero Conga, porque podría cambiar 'nuestras culturas y formas de vida', y porque 'no trae desarrollo'. 'Para nosotros el único desarrollo es el que viene de la tierra y el agua” dice Rodas Rojas (HILL, 2015).

Muchas de estas decisiones y pronunciamientos o las decisiones de las asambleas que son transformados en memoriales son trasladados a las autoridades competentes o a los miembros de la empresa en procedimientos que ya conocen las comunidades y que sientan posición de la unidad interna de las organizaciones comunitarias y en particular de las Rondas Campesinas:

El miércoles 3 de junio de 2015 arribó a la provincia de Celendín una delegación de las comunidades de La Mushca y Tupen Grande, ubicadas a la orilla del río Marañón, para dar respuesta a la carta enviada por la empresa Odrebrecht con un memorial en el que muestran su contundente rechazo al proyecto Chadín2.

Las comunidades de La Mushca y Tupén Grande se reunieron el día primero de junio de 2015 y acordaron el viaje de una comisión para presentar un memorial en las oficinas de la empresa Odebrecht, en la provincia de Celendín. A su llegada, los señores Emiliano García Julon y Silver Cruz Escalante, miembros de la delegación, fueron entrevistados por diferentes medios de comunicación radiales y televisivos, desmintiendo las versiones de la empresa que manifestaban que las comunidades de la zona de Chadín 2 estarían de acuerdo con la ejecución de dicho proyecto. Como se sabe el Estado Peruano ha aprobado el Estudio de Impacto Ambiental y sin embargo el proyecto de represamiento del río Marañón no cuenta con licencia social (CELENDÍN LIBRE, 2015³⁴).

IMAGEN 12 - Entrega de acuerdos a la empresa

En la foto: Mark Stenning de Lavalle, gerente de Chadín 2, recibe memorial de rechazo al represamiento del Río Marañón.



Fuente: Jorge Chavez

³⁴<https://celendinlibre.wordpress.com/2015/06/09/comunidades-de-tupen-grande-y-la-mushca-rechazan-proyecto-chadin-2/>

Emiliano Garcia Julon, rondero de Tupen Grande y la Mushca afirma que no están de acuerdo con la represa porque no desean que se les saque de la zona donde viven ahora y ellos no creen que las zonas a la que se trasladen va a ser mejor de la que viven ahora, el memorial que ellos presentan es firmado por 45 personas, el denuncia que anteriormente no habían deseado dialogar con ellos sino solamente hacían los talleres y dialogo con los que la empresa deseaba dialogar, que el denomina gente “comprada”, y por primera vez se les manda una carta al presidente de las Rondas Campesinas de Tupen.³⁵

Por conversaciones personales y entrevistas de los aliados en la zona es visible observar como las personas se encuentran afligidas y psicológicamente afectadas por la presencia de informaciones confusas y amenazantes de la empresa, así como la información contradictoria que llega sobre el proyecto y que plantea cambiar sus vidas para siempre.

“A veces me pongo a pensar, duermo un ratito, y me levanto a pensar, ¿Cómo será esto? ¿Donde me botaran? ¿A donde me iré? le digo a mis hijos, cuando a veces yo pienso que ya se enlagunan el Marañon y que ya vienen a botarnos ya de aquí de Mendan, yo ningún rato estoy de acuerdo³⁶”.

“Organizadamente vamos a tener que repudiar” son las últimas palabras de Edwar Rodas Rojas de las Rondas Campesinas para expresar la voluntad popular de mantener la paz y estabilidad de sus formas tradicionales de vida y la constitución de su territorio.

En el foro público “Hidroeléctricas en el Marañón: Ríos, Vida e Industrias Extractivas” realizado el sábado 17 de agosto del año 2013 en la ciudad de Celendín y organizado por mi persona junto con organizaciones como la Casa del Maestro, la ONG Forum Solidaridad, International Rivers, Grufides, la Plataforma Interinstitucional de Celendina (PIC) y las Rondas Campesinas se conto con la presencia de un nutrido número de pobladores de la ciudad y el campo, todos ellos con posiciones diversas de por que

³⁵ **Comunidades de La Mushca y Tupen Grande rechazan proyecto Chadin 2. En Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=iLcBGE_5kH8. Publicado el 5 jun. 2015**

³⁶ Joba Rojas Chavez, Pobladora Afectada de Mendan

defender sus territorios e historias alrededor de su tierra y las vidas que han desarrollado hace muchísimas generaciones anclados a ella .

Carmen Rosa Sandoval, Abogada del Earth Right International dice

“Para nosotros es claro que el proyecto de chadin 2 ha puesto en riesgo y a vulnerado derechos fundamentales, y el primero a sido el derecho a la información pública, esta no ha estado a tiempo accesible ni a estado adecuada social y culturalmente para la población que ha estado involucrada [...] Dentro del Estudio de Impacto Ambiental deben considerarse por Ley los impactos sociales, esa información dentro del EIA es prácticamente inexistentes, por lo tanto no hay ninguna garantía”

IMAGEN 13 - Foro “Hidroeléctricas en el Marañón”



FORO
“HIDROELÉCTRICAS EN EL MARAÑÓN”
RÍOS, VIDA E
INDUSTRIAS EXTRACTIVAS

TEMAS y
PONENTES

- Represas en el Marañón:
Energía. ¿para qué y para
quienes? - Antonio Zambrano,
Forum Solidaridad Perú.
- Un análisis del EIA de Chadin 2 -
Ing. José Serra Vega.
- Experiencias con represas en el
mundo - Monti Aguirre,
International Rivers.
- La audiencias públicas en Cortegana
y Chumuch - Plataforma
Interinstitucional Celendina/ Rondas
Campesinas.

17 DE AGOSTO
03:00 P.M.
CASA DEL MAESTRO
cuadra 6 del Jr. Grau
Celendín, Cajamarca

PANEL y DEBATE

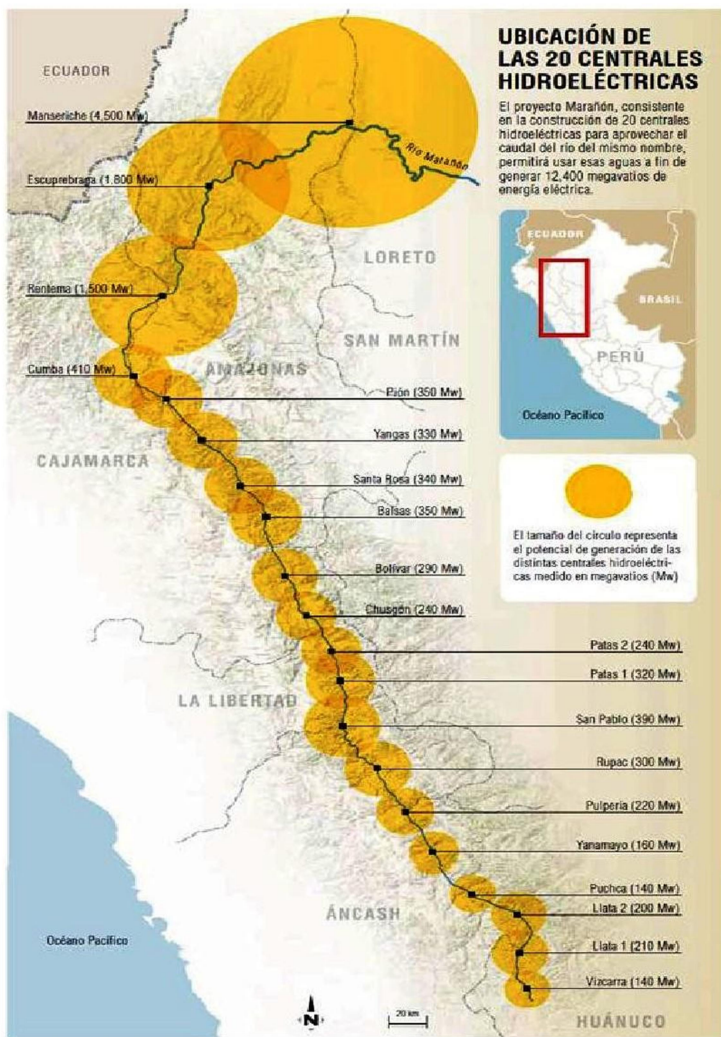
ORGANIZAN:
 FORUM SOLIDARIDAD PERÚ
 Plataforma Interinstitucional Celendina
 Rondas Campesinas Unitarias Celendín

Fuente: Forum Solidaridad Perú

El territorio ha cambiado, la cultura de las poblaciones ya no es la misma, ahora entienden un elemento distinto del capital que trasciende a la histórica actividad minera. La energía es un factor de disputa, de lucha entre el gran capital y la vida de la gente. E incluso ante las ventajas del “desarrollo” ofrecido por los que vienen de afuera, las poblaciones tienen perfectamente claro que nada reemplaza a la tierra. Y que así como con Yanacocha y Conga, la empresa miente, suele establecer argumentos que cambian con el tiempo y va dañando el tejido social, enjuiciando amigos, familiares y causando muertes en movilizaciones, protestas y jornadas de lucha. Eso es lo que sabe el pueblo de la llegada del capital, que al impedir la instalación del enclave, la dinámica del capital imperialista subsiste, hostiga y modifica la localidad para hacer más difícil y dura la vida de la población. Hoy entienden que no es lo mismo entre una y otra forma de actividad, pero también que ambas están aliadas por los mismos términos y bajo las mismas intenciones, expandir las posibilidades de expropiación de la tierra.

IMAGEN 14 – Ubicación de las 20 hidroeléctricas en el río Marañón

Notece que Chadín encaja en el proyecto Marañón e los lugares donde originalmente se encontrarían la CH de Piñon y Cumba



Mediante D.S. N° 020-2011-EM (pub. 27 de abril de 2011) Alan García declaró de Interés Nacional y Social la construcción de 20 proyectos a CCHH en el Río Marañón:

- | | |
|-----------------|-------------------|
| 1. CH Vizcarra | 1. CH Chusgón |
| 2. CH Llata 1 | 2. CH Bolívar |
| 3. CH Llata 2 | 3. CH Balsas |
| 4. CH Puchca | 4. CH Santa Rosa |
| 5. CH Yanamayo | 5. CH Yangas |
| 6. CH Pulpería | 6. CH Piñon |
| 7. CH Rupac | 7. CH Cumba |
| 8. CH San Pablo | 8. CH Rentema |
| 9. CH Patas 1 | 9. CH Escupebraga |
| 10. CH Patas 2 | 10. CH Manseriche |

Fuente: Diario Oficial El Peruano.

5. ODEBRECHT, CHADÍN 2 Y SUS CONFLICTOS FRENTE AL ESTADO.

La oportunidad que no es interesante para la empresa

El Perú moderno no ha contado con un balance positivo de hidrocarburos que nos permita, con nuestras reservas, abastecer el consumo interno:

Entre el 2006 y el 2011 el saldo negativo de la balanza comercial de hidrocarburos (exportaciones menos importaciones) que involucran al petróleo, líquidos de gas natural, gas licuefactado y derivados como el diesel ha sido superior US\$ 7,937 millones de dólares (MANCO ZACONETTI, 28/04/2012³⁷)

Es decir, necesitamos fuentes de energía que nos permitan tener cierto grado de seguridad energética. En parte, una buena cantidad de este elemento es cubierto abasteciendo el Sistema Eléctrico Interconectado Nacional – SEIN con la producción de hidroenergía a pesar de que esta no representa necesariamente mejores condiciones de vida para la población que habita en los territorios donde se la construirá.

En el caso peruano, vivimos en una zona que permite tener acceso privilegiado a fuentes de energía solar de un potencial muy grande dependiendo del territorio³⁸

Este potencial puede variar dependiendo del mes, de entre 4 y 7 kWh/m² en una gran parte del territorio.

³⁷http://www.diariolaprimeraperu.com/online/economia/peru-la-produccion-de-crudo-en-caida-libre_110106.html

³⁸http://solargis.info/doc/_pics/freemaps/1000px/ghi/SolarGIS-Solar-map-Peru-en.png

IMAGEN 15 - Radiación solar en el Perú



Sin embargo las proyecciones de crecimiento de la matriz energética a través de la implementación de energía renovable no convencional aún se mantiene alrededor del 5% hacia el 2030 y se prioriza la explotación de hidrocarburos que es sumamente contaminante por los continuos derrames en la amazonía en las últimas 4 décadas:

De acuerdo con (Albert) Chiriff, desde la década de 1980 existen informes de organismos del propio Estado dando cuenta de los estragos generados por la contaminación, tanto en los ecosistemas como en la salud de los pueblos indígenas. Las acciones emprendidas para remediar los problemas ocasionados por la contaminación fueron sumamente débiles, al punto que fue recién en el año 2006 (ya con la presencia de Pluspetrol Norte operando los lotes 8 y 1AB) que la Federación de Comunidades Nativas del Corrientes (FECONACO), tomó la decisión de capturar los pozos y campamentos, 'con la finalidad de exigir al Estado y a la empresa adoptar medidas de urgencia para frenar los daños al ambiente y a la salud de las personas e iniciar un plan de recuperación de ambos'. (DAMMERT, 04/11/2011).

Esto en realidad no es otra cosa que parte de la estrategia de concentración de tierras presente en América Latina donde Perú figura entre los países de la región con "alta" presencia de inversión extranjera en tierras:

La 'asociación público-privada' en la que grandes empresas intervienen con financiamiento para desarrollar obras de irrigación sobre eriazos y vender las tierras, sin límite, a grupos empresariales privados (como el caso, en curso, de la irrigación de Olmos con la presencia de la empresa Odebrecht) (ORGANIZACION DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA, 2012. P. 450).

Sin embargo esta "dinámica de concentración de tierra" es promovida por el Estado desde 1996, segundo periodo de la dictadura fujimorista, y en la cual se tiene al organo estatal de PROINVERSION como facilitador de dicho proceso.

La principal labor de PROINVERSION es [...] valorizar y promover el proyecto hasta que se vendan las tierras en cuestión. Luego su función es el monitoreo de los pagos y de los compromisos de inversión a los que se compromete el adjudicatario [...] Es importante resaltar que PROINVERSION explícitamente promueve la participación de las empresas que busquen comprar grandes extensiones de tierra (más de 500 ha), bajo el argumento de eficiencia y mayor generación de empleo. (ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA, 2012, p. 451)

Como hemos señalado anteriormente, Odebrecht es una de las empresas de infraestructuras más antiguas e importantes asentadas en el territorio nacional desde hace décadas y ha ido edificando su propio prestigio más allá de la presencia de Brasil en el territorio nacional, fundamentalmente en la construcción de obras de infraestructura vial. Sin embargo la llegada del gobierno de Luis Inácio Lula da Silva al mismo tiempo que el boom de las inversiones mineras mejoró y amplió su margen de posibilidades, así como los deseos explícitos de dicho país de integrar las matrices energéticas de ambos Estados lo cual planteó nuevos retos y sobretodo oportunidades de crecimiento para dicha empresa. Hace un par de años el embajador de Brasil en Perú, Carlos Laxary Texeira, sostenía sobre esto que “Las inversiones brasileñas en Perú han superado los 6000 millones de dólares y crecen a un ritmo de 10 % al año” (DIARIO LA REPÚBLICA, 07 de julio 2014).

Esto no es de poca importancia, los intereses de Brasil a través de la presencia de sus empresas han crecido sosteniblemente por casi una década y media, Marcelo Sánchez lo describe bien:

[en el 2013 se celebró] El décimo aniversario de la firma de la Alianza Estratégica Perú-Brasil, un tratado en las relaciones entre los dos países que puso fin de manera eficiente y práctica a un largo periodo de 180 años en el que ambos países “se dieron las espaldas” económica y comercialmente. Gracias a este acuerdo, el volumen del intercambio comercial bilateral se quintuplicó, y pasó de US\$700 millones en 2003 a más de US\$3.600 millones en 2012.

No obstante, antes de esta alianza, grandes grupos brasileños apostaron en el Perú y se instalaron en nuestro país participando activamente del crecimiento y de la mejora y modernización de la infraestructura, productos y servicios locales.

Actualmente de las 50 mayores empresas de América Latina, 29 pertenecen a Brasil. 15 de estas ya están presentes en el Perú, de un total de alrededor de 45 empresas brasileñas ya instaladas. Según datos de la Embajada de Brasil en Lima, la inversión privada de las empresas brasileñas en el país alcanzó en 2013 los US\$6.000 millones y podrá llegar a los US\$20.000 millones en una década. (SÁNCHEZ, Marcelo, AMÉRICA ECONOMÍA, 08/25/2013).

Esta Alianza Estratégica es el punto de partida del crecimiento del poder y la influencia de una importante cantidad de empresas en el territorio nacional, en particular Odebrecht

Esta comprende tres áreas fundamentales: participación progresiva del Perú en el Sistema de Protección y Vigilancia de la Amazonía (SIPAM / SIVAM),

comercio (especialmente la firma del acuerdo de libre comercio entre MERCOSUR y el Perú, que se concretó en 2005) e integración física (especialmente la concretización de tres Ejes de Integración y Desarrollo de la Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Sudamericana (IIRSA) que vinculan al Perú y a Brasil en el espacio sudamericano: el Eje del Amazonas, el Eje Transoceánico Central y el Eje Interoceánico del Sur) (LAZARY 23/09/2013).

En dos de estas tres áreas fundamentales ha participado Odebrecht como empresa líder.

CUADRO 05 – Principales inversionistas en el Perú

Los principales inversionistas que efectuaron movimientos de capital, a través de aportes o adquisición de acciones, en el periodo 2010-2014, en orden de importancia son los siguientes:

INVERSIONISTA	PAÍS	SECTOR
TELEFONICA LATINOAMERICA HOLDING, S.L.	ESPAÑA	COMUNICACIONES
VOTORANTIM METAIS LTDA.	BRASIL	MINERÍA
PERU COPPER SYNDICATE LTD.	REINO UNIDO	MINERÍA
ODEBRECHT LATIN FINANCE S.A.R.L.	LUXEMBURGO	ENERGÍA
HUBBAY PERU INC.	CANADÁ	MINERÍA
IC POWER HOLDINGS (KALLPA) LIMITED	BERMUDA ISLAS	ENERGÍA
ANGLO QUELLAVECO SARL	LUXEMBURGO	?MINERÍA
MVM RESOURCES INTERNATIONAL B.V.	PAISES BAJOS	MINERÍA
DIA BRAS EXPLORATION INC.	PAISES BAJOS	MINERÍA
EMPRESA DE ENERGÍA DE BOGOTÁ S.A.E.S.P.	COLOMBIA	ENERGÍA
ECOPETROL GLOBAL ENERGY S.L.U.	ESPAÑA	ENERGÍA

Fuente: Estadística de inversión extranjera - Proinversión

5.1 Corrupción en Brasil y Perú

Cuando Marcelo Odebrecht, hoy procesado por crímenes de corrupción, dijo el 03 de mayo del 2013 “Concentraremos nuestras inversiones en energía en Perú más que en Brasil” (DIARIO GESTIÓN 03/05/2013), y cuando en la misma entrevista él mismo sostenía que “hoy puedo decir que Odebrecht Perú es como Odebrecht Brasil, no hay distinción” todo indica que los métodos y estrategia para asegurar sus inversiones eran efectivamente similares en ambos países ya que se han descubierto documentos que sostienen que altos funcionarios de ambos gobiernos durante la administración García en Perú, habrían estado vinculados a casos de corrupción

En la misma entrevista citada líneas arriba, le preguntan a Marcelo Odebrecht **¿Cuánto es lo que representa el Perú para el grupo Odebrecht?**

Aún no es significativa su presencia, pero está creciendo. De los US\$ 42,000 millones que facturamos el año pasado en todo el mundo, en Perú se logró unos US\$ 1,000 millones, que es un 3%, en números redondos. Sin embargo, lo importante es que está creciendo su presencia. Perú es el que más ha crecido en América Latina después de Venezuela. (DIARIO GESTIÓN, 03/05/2013).

Y no es para menos, la empresa tiene el día de hoy alrededor de 11 mil personas trabajando dentro del territorio nacional, mientras solamente 140 son brasileños o extranjeros.

La entrevista que citamos cierra cuando habla de las inversiones en el sector Energía y dice: “Nuestra perspectiva de inversión será mayor en el Perú que en Brasil”.

Este interés por las inversiones cada vez de mayores proporciones se han desarrollado de la mano con contactos políticos en particular durante el gobierno de Alan García, caracterizado justamente por escandalos de

corrupción relacionados desde malversación de dinero público hasta narcotráfico.

En este contexto se ha ido descubriendo de manera muy reciente una larga serie de reuniones personales y con terceros entre Marcelo Odebrecht y el entonces Presidente de la República Alan García Pérez. Para apreciar el detalle de estas reuniones desplegamos a continuación el detallado de lo que se conoce de esas reuniones hasta el día de hoy en función de la investigación que ha sido desplegada por la agencia de periodismo de investigación: CONVOCA y que pasan por todos los cinco años del gobierno de García.

Cuadro 06 - Reuniones de Odebrecht con la Presidencia de la República del Perú

Fecha	Descripción
13/09/2006	La primera reunión registrada del representante de Odebrecht durante el gobierno aprista fue con Luis Nava, secretario general de Palacio de Gobierno. El estudio Nava & Huesa, creado por Nava, prestó servicios para Odebrecht durante el gobierno aprista.
20/09/2006	El presidente Alan García se reúne con Jorge Simoes y Marcelo Bahía Odebrecht, detenido y uno de los principales acusados en el caso de corrupción 'Lava Jato' en Brasil.
27/09/2006	Se firmó un Memorando de Entendimiento entre Perupetro- Petroperú y Petrobras. El caso 'Lava Jato' reveló la red de corrupción detrás de los contratos de la petrolera estatal de Brasil, Odebrecht y otras constructoras de ese país.
29/10/2006	La segunda reunión entre García y el representante de Odebrecht se dio en privado en Palacio de Gobierno.
07/04/2007	Tercera reunión entre García y el representante de Odebrecht, la principal investigada en el caso 'Lava Jato'. Un mes después, Proinversión aprobaría las bases para la licitación del Tren Eléctrico.

24/05/2007	Jorge Simoes sostiene una reunión con el subsecretario general de Palacio, Rubén Neyra Lencinas.
27/09/2007	La quinta reunión entre el presidente Alan García y el representante de Odebrecht ocurrió diez días después de la convocatoria de Proinversión para la licitación del Tren Eléctrico.
22/10/2007	Jorge Simoes y Alan García se reúnen nuevamente. Veintiún días después, el primero de octubre, Odebrecht pagó los US\$ 1 mil por el derecho de participación en la licitación del tren a cargo de Proinversión.
21/11/2007	El secretario general de Palacio de Gobierno Luis Nava Guibert recibe, por segunda vez, al representante de Odebrecht. Seis días después, una segunda versión del contrato del tren eléctrico era remitido a las empresas postoras.
17/01/2008	El presidente Alan García se reúne con Jorge Simoes Barata y otros empresarios que poco después formarían el Patronato del Teatro Nacional. Proinversión continuaba con la licitación del Tren Eléctrico.
07/02/2008	Se registra una "visita" de Jorge Simoes Barata. El día anterior venció el plazo para la segunda ronda de consultas a las bases de la licitación del tren eléctrico convocada por Proinversión
26/02/2008	Una nueva reunión de "coordinación" entre el presidente Alan García, Jorge Simoes (Obrechet), Fiorella Simeone Blondet (luego sería directora de Sepadal). Un mes después, Proinversión aprobó el incremento del valor referencial de la licitación del tren eléctrico.
11/09/2008	El hoy detenido presidente de Odebrecht, Marcelo Bahía, se reúne por segunda vez con Alan García. En la cita participaron Jorge Simoes, Emilio Odebrecht y Antonio Mamerí.
07/10/2008	Jorge Simeos Barata participa, junto a una veintena de empresarios, en una desayuno de trabajo organizado por el presidente Alan García.
23/01/2009	La penúltima reunión entre Alan García y Jorge Simoes Barata

	sucedió seis días antes de que Proinversión declaró desierta la licitación del tren eléctrico porque Odebrecht y otras empresas no se presentaron. Un mes después, el gobierno emitió el decreto de urgencia y creó una modalidad de contrato especial para el proyecto que le permitió al consorcio liderado por Odebrecht incrementar en más de 400 millones de dólares el costo de la obra
24/06/2011	La última reunión registrada en Palacio de Gobierno entre Alan García y Jorge Simoes Barata ocurrió seis días antes de confirmarse la Buena Pro otorgada a Odebrecht para el tramo 2 de la Línea 1 del Metro de Lima. Un día antes de esa decisión, el 29 de junio, se inauguró el Cristo del Pacífico donado por la empresa.

Fuente: Convoca.pe

Efectivamente el interés de Odebrecht es de una cartera de megaproyectos de los más importantes que tiene el Perú en este momento y agrupa a los siguientes, de las que se encuentran en ejecución:

- Trasvase Olmos e Irrigación Olmos (Lambayeque)
- Nuevas Vías de Lima o Rutas de Lima (Concesión a 30 años de la Municipalidad de Lima)
- Costa Verde del Callao
- Corredor Vial Hualapampa – Vado Grande (Piura)
- Avenida Evitamiento de la ciudad del Cusco.
- Central Hidroeléctrica Chaglla (Huánuco)
- Proyecto Matarani (Arequipa)
- Gaseoducto Sur Peruano

Por lo expuesto se puede apreciar que las redes de odebrecht durante la aparición el proyecto Marañón son claras y su interés por todos ellos evidente y llegan hasta los más altos cargos del Estado peruano. Siendo varios de sus

proyectos los que iniciaron su exploración y diseño en este periodo de tiempo. Su influencia es tal que en las 16 reuniones que se mantuvieron durante el gobierno García, en dos de ellas estuvo presente personalmente Marcelo Odebrecht y la primera con una extensión de casi dos horas (CONVOCA 2015).

IMAGEN 16 - Presidente de la República reunido con Marcelo Odebrecht



Fuente: IDL Reporteros

En los últimos días previos al cierre de esta investigación, ante la aparición de documentos incriminatorios de Odebrecht donde figuraban de manera explícita el nombre de altos cargos cercanos a la presidencia de la República del gobierno García, el congreso de la república del Perú aprobó la creación de la comisión especial para investigar empresas brasileñas a través de un grupo especial multipartidario. Dichas empresas refieren directamente a los vínculos de Odebrecht en el Perú y los posibles casos de corrupción para (DIARIO GESTIÓN 01 DE OCTUBRE 2015)

A pesar de todo los planes del gobierno de Ollanta Humala, así como de sus predecesores sigue siendo el mismo inamovible proyecto de generar y convertir al Perú en un país exportador de energía y minerales:

Perú empezará a exportar, en algunos años, energía eléctrica a los países vecinos que así la requieran, gracias a sus reservas gasíferas, la construcción del gasoducto del sur y los proyectos hidroenergéticos, sostuvo este lunes en Nueva York el presidente Ollanta Humala.

Durante su participación en el foro Bloomberg sobre la Alianza del Pacífico, en Nueva York, manifestó que el desarrollo de este sector ha permitido al Perú pasar del concepto de la seguridad energética a la solvencia energética, que garantiza el abastecimiento del mercado interno y la exportación a otras naciones.

"(Esto) nos permite abarcar otro concepto que es el de la solvencia energética, es decir que el Perú pueda no solamente cubrir su demanda interna de gas, y gas barato, uno de lo más baratos del mundo, sino además poder exportar los productos industrializados de este gas, exportar energía, a países hermanos, países de la región que así lo requieran (...). Dentro de algunos años vamos a empezar la exportación de energía", señaló (AMÉRICA ECONOMÍA, 23/09/2014).

Los planes de Odebrecht en la región no hacen más que multiplicarse, tanto en la cuenca del Marañón como en varias regiones del Perú, sin embargo a pesar de encontrarse indirectamente financiados por el BNDES en los últimos años, los intereses de los capitales de la empresa son flexibles a la posibilidad de multiplicar sus ganancias. Por lo que la relevancia de los intereses del Estado brasileño en su conjunto no son tan trascendentes como lo es el mantener la dinámica expansiva de la empresa en grandes proyectos de inversión ancladas en los actores más importantes del mercado, sea en el sector minero, hidrocarburífero o del agronegocio.

Me atrevo a sostener que el nuevo proceso que expone los escandalos de corrupción en medio de concesiones ya programadas para megaproyectos en el territorio peruano no influenciarán tanto como los procesos de resistencia frente a estos.

6. CONSIDERACIONES FINALES

Chadín 2 ha modificado profundamente el entendimiento del territorio de las organizaciones sociales en la región Cajamarca y por primera vez se inicia en esta zona un debate sobre lo que podrían ser las implicancias e impactos de proyectos de infraestructura hidroeléctrica en la región que trascienden al simple suministro eléctrico y discute los vínculos con el río y las poblaciones que habitan con él.

El Cañón del río Marañón de muy difícil acceso pocas veces ha tenido tanta atención de las organizaciones del campo y la ciudad y además de esto se ha ampliado la visión de las comunidades campesinas sobre el vínculo sistémico y las necesidades de las empresas mineras, relacionando a la minería, en particular al proyecto minero CONGA, con Chadín 2. Esto repercutirá en el futuro inmediato cuando los nuevos proyectos como el de Río Grande 1 y Río Grande 2, empiezan a confrontarse con las comunidades que tendrían que ser desplazadas para que estas pueda ser construida.

Los acontecimientos que se han dado durante las audiencias públicas alrededor de los distritos de Celendín no han sido aislados, sino que en cada uno de ellos se repite la misma forma de acción policial violenta y protectora de los intereses de la empresa de parte de entidades públicas, así mismo el amedrentamiento y la conducta de los medios de comunicación contra las organizaciones sociales y prácticamente todas las voces opositoras del proyecto. Esto ha implicado la búsqueda de solidaridad y alianzas con otros grupos de rondas y en particular con las Federaciones Regionales de Rondas Campesinas para enfrentar el problema de manera regional y poder proteger sus intereses sin ser perseguidos de manera individual por la empresa.

Odebrecht comparte el proyecto de intervención y exfoliación del territorio Cajamarquino no en función de la generación de energía eléctrica, sino que este es un proyecto de intervención del gran capital para la extracción de materias primas minerales. Odebrecht en este sentido, mantiene un rol subalterno en el territorio nacional, suministrando la

infraestructura para la estructura real del capitalismo peruano, que se pretende constituir como un país exportador neto de minerales.

Aquí sostengo que ambas lógicas de intento de dominación sobre el territorio se llevan a cabo en medidas y niveles diferentes, por un lado las iniciativas de generación energética son parte de enclaves modernos, componentes de un engranaje de control, no de tipo sectorial, es decir aquellos que se podrían denominar como “enclave minero” o “enclave energético” sino que por su complementariedad e intento de paralelizar la función del Estado en parte del territorio cabría llamarlo “enclave del capital”.

Por otro lado. el enclave no explica por si solo toda la realidad, sino los cambios locales y su relación con el capital extraterritorial y se declara evidente la proyección mundial de las inversiones que no pretenden intensificar los procesos de acumulación en el sur más que como pivote para satisfacer los intereses de las metrópolis que necesitan la extracción del mineral o la generación de esa energía para intensificar sus procesos productivos y continuar la exportación de sus recursos. La misma Internacionalización de Odebrecht sin un enlace con la política diplomática brasilera así lo demuestra.

El enclave termina siendo lo visible, la relación clientelar palpable y evidente, la actuación policial, la presencia de las prebendas, la criminalización y el uso rentado del “monopolio” de la violencia política del Estado. Esto es lo que siente el poblador que no alcanza la ciudadanía por estar en manos de la empresa. Esto es al mismo tiempo un lente que nos limita a ver con miopia una realidad universal que se impone desde metropolis y con formas mucho más amplias. La sombra del imperialismo es mucho más difusa y abstracta convirtiéndose en la mano que corrompe y domina al poder político y ejerce el poder real del mercado.

En este contexto las comunidades campesinas, agricultores familiares y pequeños agricultores así como el territorio históricamente construido por la sociedad peruana es fundamentalmente un estorbo o impedimento para los intereses, esto tanto así como la legislación ambiental, por lo que los trámites

y estándares que pretenden protegerlos son superados por la empresa a través del uso de la policía y la represión.

Las comunidades exfoliadas no pasan a ser un “Ejército laboral de reserva” ya que la o las empresas en la zona solamente necesitan una minúscula cantidad de mano de obra, por lo que simplemente son expulsadas por lo que si es que existe alguna situación a la que valga la pena denominar como desterritorialización, esta migración forzada que se pretende sería su aproximación más flagrante.

Por lo antes expuesto, su carácter subalterno y complementario, esta inversión difícilmente podría sostenerse como de tipo sub-imperialista o representativo de intereses subimperialista del Estado Brasileño, sino que responde a un carácter global de expansión de las empresas capitalistas que constituyen amparados en algunos casos en fuentes estatales, las piezas para dinamizar los intereses de las metrópolis centrales del sistema capitalista.

Finalmente la desposesión, expropiación, enclave y lógica imperialista del movimiento del capital son elementos didácticos para entender una sola realidad que se transa en el territorio cajamarquino, ante ella se comprueban la presencia de organizaciones de base representativas que han superado luego de la guerra interna, la arremetida del Estado Neoliberal durante 25 años y su existencia es un signo de su victoria frente al despojo a pesar de todas sus contradicciones.

Como se ha documentado, los impactos de la construcción de la Central Hidroeléctrica Chadín 2 serían sociales y ambientalmente graves para el futuro de la que es quizá la cuenca más importante que alimenta el Amazonas, sino que se evidencia que existe un impacto previo e inicial dentro del entorno peruano, a través de relaciones de corrupción a nivel nacional, así como la compra y distorsión de las relaciones sociales a nivel local.

REFERENCIAS

- ACSELRAD Henri , et al. Desigualdade ambiental e acumulação por espoliação: o que está em jogo na questão ambiental?. e-cadernos ces [Online], 17 | 2012, posto online no dia 01 Setembro 2012, consultado o 26 Fevereiro 2014. URL : <http://eces.revues.org/1138> ; DOI : 10.4000/eces.1138
- ADRIANZÉN, Alberto. (Editor) Apogeo y crisis de la Izquierda Peruana. IDEA Lima diciembre 2011
- AGENCIA ANDINA. Perú requiere de 2,456 Mw para atender demanda energética de proyectos mineros. 24 de setiembre 2014
- AMEC. Estudio de Impacto Ambiental del Proyecto Central Hidroeléctrica Chadín 2. Tomo I y Tomo IV. Lima. Noviembre 2011
- AMÉRICA ECONOMÍA. Humala: Perú empezará a exportar energía a países vecinos. 23 SETIEMBRE 2014
- AMÉRICA ECONOMÍA. Las empresas brasileñas en el Perú. Marcelo Sánchez. 25 agosto 2013. Lima
- ARANA Martín. Proyectos hidroeléctricos en la cuenca del Río Marañón. Forum Solidaridad Perú. Lima. Diciembre/2012
- ARANA Martín. Hidroeléctrica de Inambari: una proyección de los efectos en la proliferación de enfermedades contagiosas,. Página 1 En: Revista Latinoamericana de Derecho y Políticas Ambientales . Núm. 1, Abril 2011
- ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS – GT Agrária das AGBs Rio e Niterói. Os "Grandes Projetos De Desenvolvimento" E Seus Impactos Sobre O Espaço Agrário Do Rio De Janeiro. 2015
- AZPUR, Javier y BACA Epifanio. Extractivismo y transiciones hacia el postextractivismo en el Perú. En Transiciones: Post extractivismo y alternativas al extractivismo en el Perú.
- CENTRO PERUANO DE ESTUDIOS SOCIALES. Derecho a territorios seguros para las comunidades que mueven al país. Lima. 2013.
- CHAVEZ ORTIZ Jorge. Comunidades de Tupén Grande y La Mushca rechazan proyecto Chadín 2. Web: Celendín Libre. Publicado: 9 junio, 2015.
- CONVOCA. Los nexos con Perú del detenido presidente de Odebrecht. convoca.pe. 19 de junio 2015.

DAMMERT Juan Luis. 40 años de petróleo en Loreto: Lecciones aprendidas. 4/11/2011. <<http://www.actualidadambiental.pe/?p=12840>>

DIARIO GESTIÓN. Caso Lava Jato: Congreso aprueba creación de comisión especial para investigar empresas brasileñas. 01 octubre 2015. Lima

DIARIO GESTIÓN. Odebrecht: “Concentraremos nuestras inversiones en energía en Perú más que en Brasil” Viernes, 03 de mayo del 2013. Lima.

DIARIO LA REPÚBLICA. Inversiones brasileñas en Perú superan los 6 mil millones de dólares. 07 de Julio de 2014.

DÍARIO LA REPÚBLICA. Perú gastó más de S/. 50 mil mlls en importar petróleo. Lima . 1 de mayo 2013

DIEZ CANSECO, Javier. Diario la república. ¿En inambari? Lima . 08 de marzo del 2010.

DOUROJEANNI Marc. La Amazonía peruana en 2021 . Lima. 2011

DURAND, Francisco. Poder Político y Gobierno Minero. Cooperación. Lima. Abril 2015.

FLORES GALINDO, Alberto. Buscando un Inca. Obras Completas III (I). SUR, Lima 2008

FOWKS Jacqueline. El 96% del territorio destinado a la explotación en Perú está habitado, internacional. Elpais.com .noviembre 5º, 2014

FONTES, Virginia. O Brasil e o Capital-imperialismo. Teoria e história. Virgínia Fontes. EPSJV/Fiocruz e Editora UFRJ, 2010.

GAMIO, Pedro. Matriz energética en el Perú y energías renovables. Lima 2010

GORRITI, Gustavo. Sendero, Historia de una guerra milenaria en el Perú. Editorial Planeta. Lima abril 2013

HAESBAERT, Rogério da (2007). O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” á multiterritorialidade. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 400p.

HECK FRANCO, Carmen. Análisis legal del “Acuerdo entre el Gobierno de la República del Perú y el Gobierno de la República Federativa del Brasil para el suministro de electricidad al Perú y la exportación de excedentes al Brasil”. Lima. 2010

HILL David. Peru's mega-dam projects threaten Amazon River source and ecosystem collapse. Mongobay.com. Abril 2015 (Traducción propia)

INSTITUTO DEL BIEN COMÚN. El Estado de las comunidades rurales en el Perú. Lima. Informe 2012

LAZARY, Carlos Alfredo. Integración Perú Brasil 10 años después. Embajador de Brasil en el Perú. 23 de setiembre 2013. edu. Pontificia universidad Católica del Perú.
<<http://puntoedu.pucp.edu.pe/opinion/integracion-peru-brasil-10-anos-despues/>>

LEFEBVRE, Henri. La producción del espacio. Artículo publicado en: Papers: revista de sociología, Año: 1974 Núm.: 3 (p. 219-229)

LESLIE Jacques. Large Dams Just Aren't Worth the Cost. The New York Times 22/08/2014.

MANCO ZACONETTI. Jorge. Perú: La producción de crudo en caída libre. Lima. Diario La primera 28 de Agosto 2012

MARIATEGUI, José Carlos. 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana. Editorial Trujillo. 2007. Caracas. Biblioteca Ayacucho, p. 33

MARIÁTEGUI, José Carlos. Ideología y política. Editorial Amauta. Lima. 1988

MAYORGA Eleodoro. Declaraciones del ministro de Energía y Minas. "Perú requiere de 2,456 Mw para atender demanda energética de proyectos mineros". Agencia de noticias ANDINA. Lima 24 de setiembre 2014

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Atlas Eólico del Perú. Lima. Noviembre 2008

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Decreto Supremo 020-2011-EM.. Lima. 2011

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Informe Final. Elaboración de Resúmenes ejecutivos y fichas de estudios de las centrales hidroeléctricas con potencial para la exportación a Brasil. Noviembre 2007.

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Libro Anual de Reservas de Hidrocarburos 2014 – Lima. 2014

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS . Luz del progreso — Lima – 2010

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Matriz Energética Resumida del Perú 2012. Lima. 2012.

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS. Plan Energético Nacional 2014-2025 . Dirección General de Eficiencia Energética . Lima . 2014 . Resumen Ejecutivo. Pág. 19

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS - Plan Nacional de Electrificación Rural 2011-2020 – Ministerio de Energía y Minas
<http://dger.minem.gob.pe/ArchivosDger/PNER_2011-2020/PNER_2011-2020.pdf>

MONGE, Carlos (Org.) Extractivismo y transiciones hacia el postextractivismo en el Perú. En Transiciones: Post extractivismo y alternativas al extractivismo en el Perú.

ODEBRECHT ENERGÍA - La Odebrecht Energía posibilita que se anticipe la desviación del río de una de las mayores hidroeléctricas de Perú
<www.odebrechtenergia.com.br>

ORGANISMO SUPERVISOR DE LA INVERSIÓN EN ENERGÍA Y MINERÍA. Balance de energía nacional 2012 desde la perspectiva de supervisor (documento de trabajo n° 3 preliminar) - gerencia de fiscalización de hidrocarburos líquidos división de planeamiento y desarrollo – Lima - 2014 – P. 39

ORGANISMO SUPERVISOR DE LA INVERSIÓN EN ENERGÍA Y MINERÍA. – DT 24-GFE – 2010) Documento de trabajo n°24-gfe supervisión regional de electricidad en el Perú periodo 1998-2009 gerencia de fiscalización eléctrica. OSINERGMIN. Lima. 2010.

ORGANISMO SUPERVISOR DE LA INVERSIÓN EN ENERGÍA Y MINERÍA - Encuesta Residencial de Consumo y Uso de Energía (2010-2011)

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Nota descriptiva 292, marzo del 2014

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA. Dinámicas del Mercado de Tierras en América Latina y el Caribe: Concentración y Extranjerización - Fernando Soto Baquero y Sergio Gomez.. 2012. Roma-Italia

PUNTES RIAÑO Astrid. Grandes represas: Elefantes blancos, caros y hasta premiados. ¿Aprenderemos la lección? AIDA. AIDA-americas.org. 8 setiembre 2014

PULGAR VIDAL, Javier « Las ocho regiones naturales del Perú », Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 3 | 2014, posto online no dia 26 Agosto 2014, consultado o 19 Setembro 2015. URL : <http://terrabrasilis.revues.org/1027>
Editor: Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica
Documento acessível online em: <<http://terrabrasilis.revues.org/1027>>

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Territorialidades y lucha por el territorio en América Latina.. Unión Geográfica Internacional - Perú. Lima. Abril 2013

RONCAL, Manuel. Huacaybamba: Riqueza biológica del Marañón. Cajamarca-Perú.2012

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha; SILVA, Carlos Alberto Franco da; et alii. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2002.

SECRETARIA DEL CCT IIRSA. IIRSA 10 años después, Logros y desafíos. BID. Buenos Aires 2011

SERVICIO NACIONAL DE METEOROLOGÍA E HIDROLOGÍA DEL PERÚ y la Dirección General de Electrificación Rural (DGER-MEM) del Ministerio de Energía y Minas. Atlas de la Energía Solar del Perú. (MINEM). Lima. 2003

SERRA VEGA, José. Costos y beneficios del proyecto hidroeléctrico Chadín 2 en el Río Marañón. Forum Solidaridad Perú. 2013. Estudio sin publicar.

SERVINDI, Agencia de Noticias. Perú: Donde hay más minería también hay más pobreza y desnutrición infantil 6 de noviembre, 2012 - <<http://servindi.org/actualidad/76239>>

SIMEÓN, Fabian. Inversiones y megaproyectos en el norte del Perú. Forum Solidaridad Perú. Series Cuadernos de Integración. Octubre 2011.

TANAKA, Martín; ZÁRATE, Patricia; HUBER, Ludwig. Mapa de la conflictividad social en el Perú. PrevCon – PCM. Lima 2011

ZIBECHI, Raúl. Brasil Potencia: Entre la integración regional y un nuevo imperialismo. PDTG – FSP. Lima. Febrero 2013